

A MENINA DOS OLHOS DE OURO!

Romance de Cordel

PILIGRA

Ilustrações
SANQUEILO DE LIMA SANTOS

gull
Editora da UESC

PILIGRA

A MENINA DOS
OLHOS
DE OURO!

Romance de Cordel

Ilhéus-Bahia

**eull
d'os**
Editora da UESC

2015



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA
EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS
RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Andréa de Azevedo Morégula

André Luiz Rosa Ribeiro

Adriana dos Santos Reis Lemos

Dorival de Freitas

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

José Montival Alencar Júnior

Lurdes Bertol Rocha

Maria Laura de Oliveira Gomes

Marileide dos Santos de Oliveira

Raimunda Alves Moreira de Assis

Roseanne Montargil Rocha

Sílvia Maria Santos Carvalho

Copyright © 2015 by PILIGRA

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por
qualquer meio, seja total ou parcial,
constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de
dezembro de 2004.

ILUSTRAÇÕES

Sanqueilo de Lima Santos

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Alencar Júnior

REVISÃO

Maria Luiza Nora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P638 Piligra.
A menina dos olhos de ouro - romance de cordel / Piligra ;
ilustrações de Sanqueilo de Lima Santos. – Ilhéus, BA :
Editus, 2015.
175 p. : Il.

ISBN: 978-85-7455-395-5

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Pereira
Júnior, Lourival. II. Título.

CDD 869.91

Para Maria Thereza
A verdadeira Menina dos Olhos de Ouro!

EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

SOBRE A OBRA

Obra intitulada *A Menina dos Olhos de Ouro*, de autoria do Professor Lourival Pereira Junior (Pilgrina), do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), homérico poeta grapiúna, é uma narrativa poética da história de Maria, menina que nasce em meio à pobreza e, porém, possui em si cobiçada riqueza, nos olhos, que norteia todo o percurso do texto. Além de Maria, a história engloba outros quatro personagens principais: a mãe de Maria (que não tem nome), Raimundo, uma mulher gananciosa (também sem nome) e José (o amado de Maria).

A história aqui narrada também faz clara intertextualidade com passagens da Bíblia Sagrada, relacionadas aos personagens Maria e José (pais de Jesus Cristo) e ao próprio Jesus, conforme registros encontrados nos livros de Mateus, Marcos e Lucas (evangelhos sinóticos). Todavia, por vezes, tais personagens alternam papéis e confundem-se, de modo que Maria (*A Menina dos Olhos de Ouro*) é apresentada por sua mãe (sem nome) como se fora a Maria, mãe de Jesus. Noutros versos, esta mesma Maria parece ser o próprio Jesus. Por sua vez, José, seu amado, às vezes é o esposo de Maria, mãe de Jesus, e, concomitantemente, o namorado de Maria. Nota-se, ainda (e isso somente é percebido numa segunda leitura, e fora da sequência cronológica dos fatos), que surge um outro Jesus: O Raimundo, bêbado, marginalizado e atormentado pela sua consciência: “Oh Deus toma este covarde / Que em vergonha agora arde / E numa grande cruz, prega (Capítulo 22)”.

Vale ainda observar que os versos “E novamente clareia / Um olho da filha amada / Que não enxerga quase nada / Por causa da fina areia” parecem dialogar, às avessas, com o texto que se lê no livro de São João, capítulo 9, versículos 6 e 7, que narra que um cego passou a ver a luz do dia, após Jesus lhe ter passado, nos olhos, um misto de saliva e lama. Assim, irmanam-se as imagens de areia e lama, cegueira e escuridão.

Ainda em diálogos com a Bíblia Sagrada, semelhantemente ao que ocorrera com o menino Jesus Cristo e seus pais (Maria e José), que se exilaram no Egito, Maria (*A Menina dos Olhos de Ouro*), e sua mãe, saem do Morro do Cruzeiro, favela onde moravam, para fugir dos que lhes ameaçavam a vida (Capítulo 5). Portanto, de igual modo, os personagens das duas histórias fogem, respectivamente, do Rei Herodes (que mandara matar

as crianças à época de Jesus) e da mulher vendedora de seguros (que pretendia arrancar os olhos de Maria). A propósito, em ambos os casos, as crianças perseguidas, ou fugidas, possuíam em si uma riqueza, um tesouro a ser salvo: o do menino Jesus era a essência divina, para a redenção do mundo; a da menina Maria, os olhos de ouro.

No âmbito estético, a presente obra, embora majoritariamente de cunho moderno, contemporâneo, não deixa de trazer consigo fortes traços realistas e naturalistas. Estes últimos, pelas imagens de sangue e pus, por exemplo, para representar o sofrimento humano. Aqueles, pelo desnudamento da realidade social, caracterizada pela pobreza, miséria e pela marginalidade que lhes é intrínseca. Percebem-se também características simbólicas, pelas representações de cores e sonhos, um misto de fantasia e realidade, a exemplo de “Um tesouro precioso de um amarelo real” (Capítulo 2), dentre outros versos, e “Aos seus pés muito dinheiro / Do chão brotava sem fim / Em volta deserto e nada / Uma pintura rasgada / E a miragem de um jardim (Capítulo 7)”.

Identificam-se, também, características barrocas, pela presença de antíteses relacionadas à riqueza e à pobreza, luz e escuridão, o pecado e o divino, a vida e a morte. Tal caracterização se exemplifica nos versos “Eu estava suja, cega / Por uma corda amarrada / Mesmo assim eu conseguia / Enxergar a grande estrada /.../ O sol brilhava pra mim / E eu nunca chegava ao fim / De uma grande escuridão (Capítulo 13)”; “Fruto de um grave pecado / De um estupro violento / Gestada com sacrifício/.../ A menina frágil, santa/ Cresceu no útero sagrado...” (Prólogo), dentre outros versos.

Ressalta-se, também, que esta narrativa poética aborda sentimentos humanos vis, repugnantes, a exemplo da cobiça, da ganância, da busca argentária pela riqueza, em detrimento da saúde, da humanidade e da vida alheia.

Paralelamente, um forte amor ao próximo (à sua mãe), em detrimento de si própria, faz com que Maria, vítima da vileza, mergulhe na escuridão para que sua mãe tenha a luz da vida. Tais imagens parecem dialogar com a letra da música “Deixar você”, de Gilberto Gil, que narra o fim de um amor e ao mesmo tempo a necessidade de “reinventar o espaço /... manter o passo / não ter cansaço / não crer no fim...” e encerra com “a luz nasce da escuridão”. Dialogam, ainda, particularmente pela doação sacrificial, com a história do amor de Cristo pelos homens, ao ponto de perder sua própria vida, na cruz.

Todavia, em meio a um mar de miséria e dor, a história apresenta momentos cenicamente belos e leves, como se pudesse extrair beleza da tristeza, a exemplo de “O dia amanheceu belo / Um azul de brigadeiro / Pássaros faziam festa / No alto do Morro do Cruzeiro (Capítulo 1)”. Tal passagem, num contexto de pobreza à brasileira e intertextualidade bíblica, irmana-se à letra da canção “Ave Maria do Morro” (de Herivelto Martins). Esta,

pois, une o cotidiano do morro ao cristianismo católico, à fé em Maria, e, nisso, traduz um certo alento, que contrasta com a vida difícil das pessoas pobres e marginalizadas: “Barracão de zinco / Sem telhado, sem pintura / Lá no morro barracão é bangalô / Lá não existe / Felicidade de arranha-céu / Pois quem mora lá no morro / Já vive pertinho do céu / Tem alvorada, tem passarada / Alvorecer / Sinfonia de pardais / Anunciando o anoitecer / E o morro inteiro, no fim do dia / Reza uma prece à Ave Maria...”.

Nos capítulos finais, a história se mostra impressionante, fazendo o leitor imaginar como fora possível, ao poeta-autor, aqui ficcionista, inserir numa mesma estrofe duas histórias paralelas e concomitantes, de distintos personagens, porém imbricados e mergulhados no mesmo mar de dor. Mesclam-se, dessa forma, doação e abnegação para a redenção ou salvação de uma vida. Nesse sentido, duas histórias se desfecham em uma: uma que ganha, outra que perde. Adiante, na mesma estrutura tematicamente híbrida, percebem-se as histórias de Maria, A Menina dos Olhos de Ouro (em agonia), e a da mulher que cobiçara algo da menina – uma em dor, outra em momentânea alegria.

Porém (e isso inevitavelmente, enche o leitor de um vingativo prazer), a alegria da mulher não perdura, visto que é extinta por uma grande decepção.

No capítulo 7, os versos “Seus dois olhos projetados / Em mil espelhos partidos / Quebrados, pela metade / Levemente distorcidos / Reproduzindo a imagem / De uma lírica miragem / No deserto inconsciente / Maria à espera de alguém / À sombra de outro ninguém / Real do irreal consciente”, além do rico jogo de palavras e imagens, coloca o leitor na posição de observador, da mulher. Tal perspectiva se assemelha à apresentada na canção “As vitrines”, de Chico Buarque, que embaralha visões e imagens da mulher: “Os letreiros a te colorir / embarçam a minha visão / já te vi suspirar de aflição... tua sombra a se multiplicar / nos teus olhos também posso ver / as vitrines te vendo passar...”.

Por assim observar, além de ser uma história dramaticamente intrigante, relacionada a questões sociais, A Menina dos Olhos de Ouro impressiona pelo fato de ter sido escrita em verso, e versos quase que uniformemente ritmados. Pela sua extensão, divisão em capítulos e pelos pormenores de cada personagem (em trajetórias que se cruzam), a obra pode ser considerada um romance em verso, uma longa narrativa poética que dá vida, desenvolvimento e morte aos seus personagens. Nesse sentido, estrutural e tematicamente, seria impossível não compará-la à Morte e Vida Severina, do pernambucano João Cabral de Melo Neto (também subtintulada de Auto do Natal Pernambucano), ou mesmo à Odisseia de Jorge Amado, publicada pela Editora da UESC, EDITUS, de autoria do próprio Piligra, texto que narra o nascimento, a vida, a obra e a morte do escritor Jorge Amado.

SOBRE A ILUSTRAÇÃO

Ressalta-se, ainda, que na presente história pululam elementos de valor literário, tanto pelos recursos formais utilizados (estrofes com dez versos, modernamente rimados e ritmados), quanto pelos sentidos que lhes são dados, de modo a traduzir sentimentos humanos inseridos num contexto de pobreza e marginalidade.

Ademais, a obra traz à tona a ideia de que o amor e a dor são nobremente recompensados, enquanto que a maldade se decepciona e se arruína a si própria. Em suma, o leitor encontrará aqui uma história poético-trágica, numa rara e ritmada narrativa, com um final surpreendente. A impressão que se tem é a de que ecos poéticos greco-romanos visitam uma original história brasileira, cujas imagens, certamente, poderão se converter em peça teatral ou filme cinematográfico.

Itabuna-Bahia, 20.07.2014.

Samuel Mattos

Departamento de Letras e Artes da UESC / Academia Grapiúna de Letras.

Perante a demanda e o interesse aos quais atendem o trabalho de criação, solicitações que hoje em dia se tornaram impessoais e anônimas, o que é possível ainda pretender como artista? Já essa pergunta supõe uma noção e, até certo ponto, uma “opinião”, mesmo que provisória, sobre o que é arte. Dos vários modos, segundo os quais se pode conceber a arte, pretendo seguir aquele que é indicado pela ideia de “fazer experiência”. Agora, uma questão mais específica se coloca: que experiência é possível fazer como artista no trabalho de ilustrador? O ilustrador de uma obra escrita nunca é apenas alguém que domina a técnica do desenho, da pintura ou da fotografia, que se encontra permanentemente voltado para as imagens, as cores, as formas e a luz, que são os ingredientes que “contam” unicamente para a sua arte; mui diversamente, o ilustrador precisa ser, antes de qualquer coisa, um leitor “interessado” na obra, na sua história, na sua percepção poética.

A obra a ser ilustrada traz, numa visão desimpedida, o conflito de paixões, de crenças, de sentimentos e de ideias às quais o leitor se vê instado a responder com a invenção de novos significados para a vida. Nesse sentido, a maior contribuição para que a obra cumpra o seu destino, parte de quem a recebe, seja o leitor, seja o espectador: cada um refaz a experiência quando faz invenção de possibilidades e de sentidos, graças a que, no campo da criação, não atuam nem a necessidade cega, nem os compromissos sectários; assim, as disposições do autor e do receptor adquirem movimentos mais amplos, mais enérgicos, ou seja, mais livres para variar as conexões das coisas. Tal acréscimo de liberdade se reflete em uma maior capacidade de intuir “mais e melhor” a vida. O ato de “fazer a experiência” se torna mais enriquecedor.

Ao mesmo tempo, essa contribuição do receptor é singular, simplesmente porque cada pessoa que lê ou que contempla uma obra, o faz a partir de sua própria existência, de suas idiosincrasias, de suas limitações e potências, infinitamente variáveis de indivíduo para indivíduo. O receptor não é uma figura abstrata, que poderia ser reduzida a uma forma homogênea. Por mais longe que a psicologia ou a sociologia cheguem, na caracterização do “tipo”, fica sempre um resíduo irreduzível. O fenômeno da arte, quando o receptor lhe concede o espaço

de ação, vai justamente ao encontro desse “irredutível”. Ela o coloca em movimento, “desperta” esse complexo de matéria e de forças a um tempo diversificado e orgânico, mutante e coeso, contrário a si mesmo e harmônico, “múltiplo e uno” e complexo que designamos, não sem mal-entendidos, de uma “existência corpóreo-espiritual”. Essa expressão “existência corpóreo-espiritual” não quer, aqui, significar algo teoricamente compreendido, mas antes, designar um horizonte enigmático, com o qual, em algum momento da vida, cada um é confrontado e se vê fadado a solucionar por conta própria.

A arte, a verdadeira arte, não foge a esse rosto indecifrável da vida. Em vez disso, acrescenta, ao enigma, materiais, formas, esquemas, táticas, instrumentos... é como se ela pudesse multiplicar os pés e as mãos, fornecer olhos e ouvidos de uma outra espécie.

A leitura de um romance ou de um poema faz nascer, de um, dois ou de mais corações do leitor dezenas de outros corações, dos quais, por sua vez, se ramificam as mais insuspeitas nuances de sentimentos. Mas, apesar de tudo isso, nunca traz a solução para o enigma. A arte deve contar sempre com a contribuição do receptor, com sua resistência ou colaboração, com seu entusiasmo, sua crítica, com a luta ou inspiração que ele vai oferecer.

Ao generoso convite de seu autor, o poeta Piligra, que me colocou na liberdade de inventar as imagens em nanquim, que ilustraram “A Menina dos Olhos de Ouro”, fiz a fundo a experiência de leitor. E o texto, já nas primeiras estrofes, forneceu materiais para a minha fantasia plástica. Fui “mordido”, como leitor, e, enquanto não cheguei ao último verso, não larguei o texto. Difícil foi a segunda etapa, a de transpor e, de certa forma, interpretar o texto nos desenhos. A história de uma menina, que possui olhos feitos do mais precioso metal – cuja beleza, brilho e valor, no entanto, assim como as belezas do coração, só são visíveis aos que amam ou odeiam – história que se passa em um mundo de miséria tanto material como moral, que alcançou o nível do gênero trágico – solicitava uma versão plástica à altura de sua excelência. Diante desse desafio, não pretendi, a bem dizer, “retratar” a história, explicá-la por meio de imagens, intensificá-la qualitativamente ou, mesmo, alterar sua essência. “A criação pictórica” – pensei – “haveria de fornecer uma experiência de espectador que ‘dialogasse’ com a experiência de leitor”.

A mesma história, ora lida, ora vista, é uma história duas vezes experimentada e mais profundamente vivenciada, se uma experiência for capaz enriquecer a outra, sem sacrificar sua personalidade. As ilustrações interrogam o texto, o texto interroga as ilustrações, um sugere respostas ao outro e o jogo se completa na imaginação do leitor-espectador. E para isso ser possível,

não seria suficiente a mera presença dos mesmos temas no texto e nas imagens: volto a dizer: “torna-se essencial a leitura efetuada como um ato de fazer uma experiência”.

Meu processo (que recomendo a todo leitor) foi deixar que as palavras me tomassem pelas mãos e seguir os medos da mãe de Maria, detestar a vendedora de seguro, esperar que a peregrinação desse certo, acreditar na pureza do encontro de Maria com José, acreditar na magia dos olhos que são de ouro e de areia, passar da imagem monstruosa à imagem humanizada do pai de Maria, reconhecer o pior vilão na vaidade mundana, que faz chacota dos miseráveis... E, em seguida, depois desses personagens terem ganhado vida, depois de eles não poderem mais ser vistos separados do seu mundo, violento, miserável, mágico e redentor, foi deixar os acontecimentos concentrarem uma energia tal, que se sentisse o “impulso” e a “vontade” de, então, começar os desenhos. Eles surgiram, portanto, não de um “esforço da vontade”, mas do feliz ensejo à satisfação de um desejo espontâneo, engendrado pela leitura.

Comecei os primeiros estudos com canetas de bambu, que utilizei em todas as gravuras, complementando uma ou outra com pincel e bico de pena. O leitor-espectador irá encontrar, nas gravuras, as técnicas já existentes. Corpos com centro de gravidade deslocado e linhas incompletas, para dar o efeito de movimento; linhas concêntricas para representar o brilho; linhas curvas e grossas, com sombreamento forte para dar a impressão de peso.

A ideia é destacar uma composição contrastante da luz e indefinição do contexto espacial para reforçar a expressão do estado emocional, da dramaticidade, gradações e convergências, garantindo a fluidez e a continuidade... Além disso, certa assimetria, um pouco de desproporção e deformação. Fizemos isso porque o expressionismo e outras escolas mais contemporâneas lançam mão desses recursos que dispensam a busca da perfeição imitativa. Afinal, sei que no limite do trabalho da busca da perfeição, a fronteira entre o figurativo e o abstrato é frequentemente borrada. Mas, aqui, essas deformações têm uma explicação muito mais simples: a diminuição do esforço de precisão para o aumento da fluidez do gesto. A precisão do traço sacrifica a fluidez espontânea do gesto; inversamente, a fluidez espontânea do gesto dispensa a precisão do traço.

As assim chamadas “imperfeições” do traço, que denunciam a espontaneidade do gesto, possuem, por outro lado, um valor estético próprio. Elas são uma metáfora que une o traço, o corpo e a imaginação. O espectador as sente, inclusive, como uma extensão de seus gestos possíveis: os traços imperfeitos impressionam com mais vivacidade as suas alegrias esquecidas, os seus dramas, suas dores, suas esperanças e desilusões... Nisso também repousa o valor de obras não imitativas, penso eu, como, por exemplo, Klimt, Schiele e, mais próximos de nós,

Portinari e Carybé. Por conta dessa comunicação, desse tecido que vai da história à imaginação, da imaginação ao gesto, ao traço e ao jogo da vida, creio não me afastar dos gregos, quando diziam: “a beleza é o esplendor da verdade”. Se uma pretensão pode ser adotada pelo artista, ainda hoje não se comete nenhuma “gafe” em seguir os gregos. Porquanto, não se trata da beleza obtida graças à imitação de uma perfeição. Sua verdade, em vez disso, coloca-se em uma meta mais modesta, presente na aceção de sinceridade. A criação artística vai conquistando beleza à medida que esconde cada vez menos as suas “errâncias” e à proporção em que vai confessando tudo quanto ao modo como faz a experiência de viver.

Ilhéus, 24 de novembro de 2014

Sanqueilo de Lima Santos

SUMÁRIO

Prólogo – o nascimento de Maria	15
Capítulo 1 – o segredo dos olhos de Maria	21
Capítulo 2 – o medo da mãe de Maria	27
Capítulo 3 – a revelação do segredo de Maria	33
Capítulo 4 – o drama e a força de Maria	39
Capítulo 5 – o exílio e a descoberta de Maria	45
Capítulo 6 – a tristeza e a superação de Maria	51
Capítulo 7 – o sonho de Maria	57
Capítulo 8 – a narrativa do sonho e o medo de Maria	63
Capítulo 9 – os sintomas da doença da mãe de Maria	69
Capítulo 10 – o primeiro amigo de Maria	75
Capítulo 11 – o primeiro carnaval de Maria	81
Capítulo 12 – o outro medo da mãe de Maria	87
Capítulo 13 – o outro sonho de Maria	93
Capítulo 14 – o outro sintoma da doença da mãe de Maria	99
Capítulo 15 – o desespero de Maria	105
Capítulo 16 – a frustração de Maria	111
Capítulo 17 – a gravidez de Maria e a internação da mãe	117
Capítulo 18 – o retorno de Maria ao Morro Cruzeiro	123
Capítulo 19 – Maria descobre quem é seu pai	129
Capítulo 20 – o drama e a cegueira de Maria	135
Capítulo 21 – o acerto de contas e a morte de José	141
Capítulo 22 – o diálogo entre Maria e seu Pai	147
Capítulo 23 – os dois delírios	153
Capítulo 24 – a alta da mãe de Maria e o bilhete	159
Capítulo 25 – o parto de Maria e a venda de seus olhos	165
Epílogo – a última visão de Maria	171

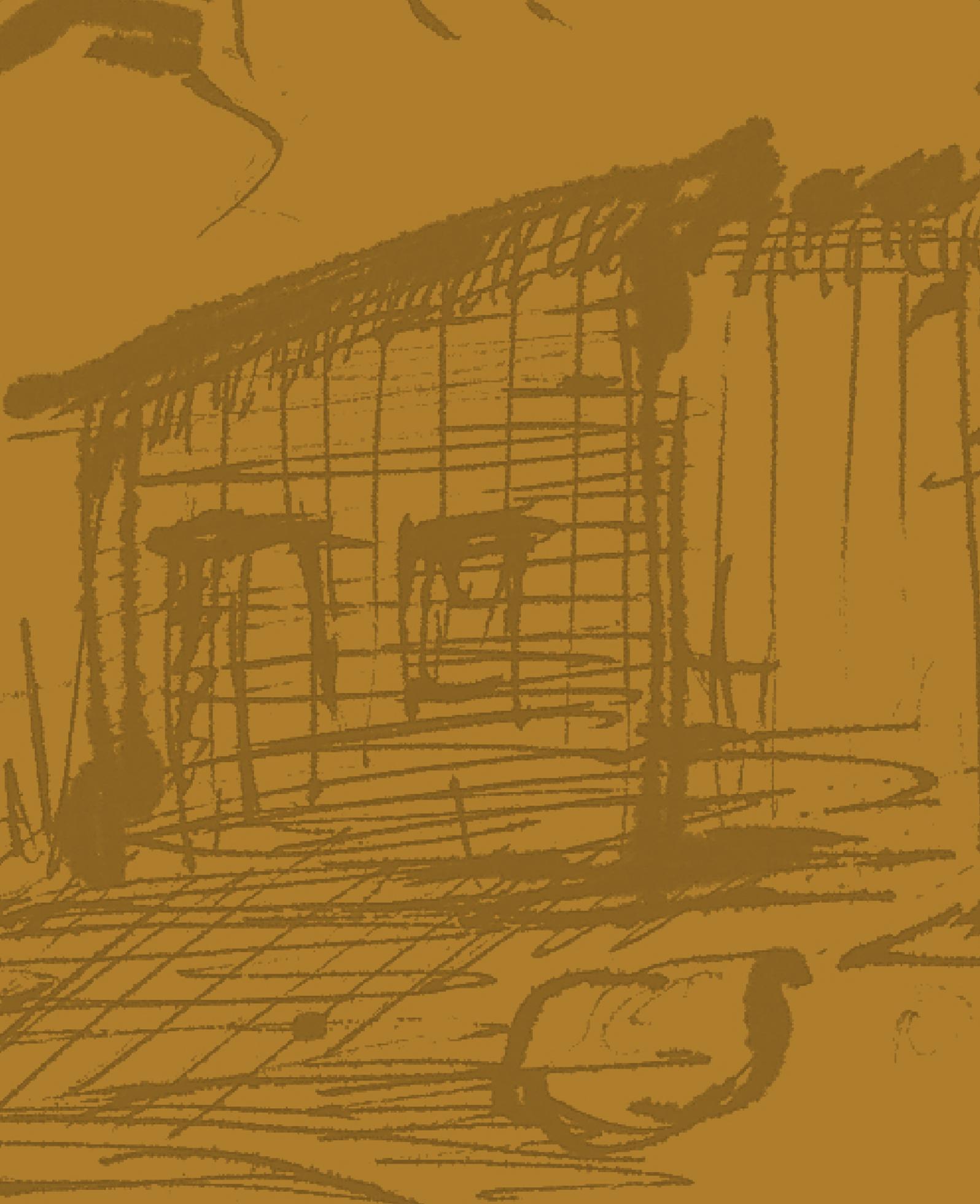
ONASCIMENTO

DE MARIA

Prólogo

O NASCIMENTO DE MARIA





A estória que narro aqui
Neste singelo romance
É sobre uma linda jovem
De beleza sem alcance
Uma menina carente 5
Um anjo belo e inocente
Que recebeu por tesouro
Duas joias cintilantes,
Verdadeiros diamantes: 10
Duas pepitas de ouro.

Fruto de um grave pecado
De um estupro violento
Gestada com sacrifício
Tristeza, dor, sofrimento 15
Num barraco da favela
À luz fraca de uma vela
Pequeno germe de vida
Que por milagre vingou
E da existência ganhou 20
Uma força desmedida.

A menina frágil, santa,
Cresceu no útero sagrado
Da pobre mãe que temia
O futuro ignorado 25
Aquilo que Deus tramou
E no destino gravou
Para a criança gerada
De uma forma tão medonha
Que causava a mãe vergonha 30
Mulher já desamparada.



Inda no útero da mãe
Deus, com seu poder divino,
Tocou na linda menina
Modificando o destino
Dando a pobre criatura 35
A leveza da ternura
E um verdadeiro tesouro,
Colocou nos olhos dela,
Da criança pura, bela,
Duas retinas de ouro! 40

Nove meses se passaram
Lentamente como um rio,
Marcados por sofrimento,
Tristeza, dor, calafrio,
As dores do parto vindo 45
O rebento se expandindo
Num balé louco, profundo;
E numa noite sem lua
Sofrendo na cama nua
A mãe trouxe a cria ao mundo. 50

Menina linda, franzina,
Alva, de inocência santa,
Olhos miúdos, fechados,
Embrulhada numa manta
Toda suja de placenta 55
Com três quilos e noventa
Uma bela criatura
Levada ao seio materno
Alma contemplando o eterno
Desenho numa pintura. 60

A mãe, triste, solitária,
Imersa em dor, agonia,
Amamentando o rebento
À criança assim dizia:
“Que Deus lhe cubra de paz 65
E você tenha bem mais
Do que sua mãe sofrida
Os anjos digam amém
E você tenha também
O melhor da louca vida.” 70

Depois ficou em silêncio
Dando seu peito à criança
Olhando pela janela
Sem demonstrar esperança
Rogando a Deus em segredo 75
Que a livrasse do medo
Frente a tudo que arrepiava
Num mundo cheio de dor
E baixinho murmurou:
“Eis, meu Deus, minha Maria!” 80

“Maria, nome sagrado,
Símbolo de amor sincero
Retrato da mãe de Deus
Alívio pro desespero”
Cantavam anjos no céu 85
Verdadeiro jubileu
Um coral feito de luz
Enquanto a mãe pôs a mão
Sem demonstrar emoção
Fazendo o sinal da cruz. 90

Maria, calma e tranquila,
Iniciava uma história
Cujo enredo narro agora
Recordado de memória
Um romance sem igual 95
Com um surpresa final
Um verdadeiro tesouro
A estória da menininha
Que na bela face tinha
Duas retinas de ouro! 100



O SEGREDO
DOS OLHOS
DE MARIA

Capítulo 1

O SEGREDO DOS
OLHOS DE MARIA





O dia amanheceu belo
Um azul de brigadeiro
Pássaros faziam festa
No alto do Morro Cruzeiro;
A mãe bem cedo acordou 105
E ligeiro se virou

Para olhar a bela cria
(Por um raio iluminada)
(Um anjo, imagem sagrada)
O rostinho de Maria! 110

A criança bem tranquila
Com seus olhinhos cerrados
Um riso puro no rosto
Os cabelos cacheados
Dormindo como um anjinho 115

Pássaro dentro do ninho
Desfrutando do segundo
Sem saber o que esperar
Do presente singular
Que daria a ela o mundo. 120

O dia compôs um quadro
E Maria só mamava
Os dois olhinhos fechados
Do peito não desgrudava
Uma fome de existência 125

Verdadeira transcendência
Dominando o barracão
Preenchido de beleza
Presente da natureza
Transmutada em emoção. 130



Mais um dia se passou
Na existência de Maria
E depois uma semana
Olhos cerrados de dia
Olhos cerrados de noite 135
A escuridão por açoitado
Na vida da mãe, coitada,
Que buscava explicação
O problema da visão
Da filhinha tão amada. 140

Médicos não entendiam
A razão desse mistério
Uns diziam sorrateiros
“O caso parece sério”
Outros menos pessimistas 145
Velhos especialistas
Preferiram se calar
No fundo ninguém sabia
Quando os olhos de Maria
Iam de fato enxergar. 150

Tudo nela era divino
Tudo nela era saudável
Tudo nela era ternura
Tudo nela, inexplicável,
E assim um mês se passou 155
Maria não revelou
Seu olhar para ninguém
Cerrado dentro de si
Um verdadeiro rubi
Do segredo fez refém. 160

Com esse louco mistério
A mãe foi se acostumando
Desconfiada, com medo,
Sua filha amamentando
Observando (noite e dia) 165
Se o olho de Maria
Dava algum sinal de abrir
E numa noite de maio
A mãe notou, de soslaio,
Um dos olhos se expandir. 170

A menina se esforçava
Num esforço singular
Tentando abrir cada pálpebra
Para a luz poder entrar
Na sua frágil retina 175
Transparente, cristalina,
Esforço da natureza
Repleta de tanta cor
Reino de paz e de amor
Simulacro da beleza! 180

Com luta, força, vontade,
Ela aos poucos foi abrindo
Os seus olhinhos perfeitos
Num esforço sobrevivendo
E a mãe, surpresa se espanta 185
Pega a lanterna, levanta,
E com ela então clareia
Um dos olhos de Maria
Que dentro dele escondia
Lá no fundo, muita areia. 190

A mãe chora enlouquecida
E a filha abraça nervosa
De joelho chora e grita
Mas de forma carinhosa
Afaga a face da filha 195
Lançando longe a presilha
E novamente clareia
Um olho da filha amada
Que não enxerga quase nada
Por causa da fina areia. 200



O MEDO DA MÃE DE MARIA

Capítulo 2

O MEDO DA MÃE DE MARIA





A mãe de Maria chorou
Durante a noite passada
Caminhando pelo quarto
Contemplando a madrugada
Ansiosa para ter 205
Do médico um parecer
Sobre o problema da filha
“Dentro do olho areia fina
Que incomodava a menina
E por isso inda não brilha.” 210

O dia nasceu brilhante
A mãe cedinho seguiu
Ao seu Posto de Saúde
E uma ficha conseguiu
Para a filha examinar 215
Um remédio encontrar
Para os olhos de Maria
Que nos braços de carinho
Delicados como um ninho
Tranquila e calma dormia. 220

O médico chegou cedo
Examinou com cuidado
Os olhinhos da menina
Sempre sério, concentrado,
A lanterna em sua mão 225
A leva para a visão
Com a luz logo clareia
Os olhinhos de Maria
E diz o que a mãe sabia:
“Isso aqui parece areia!” 230

“Ela tem uma capinha
Que encobre toda retina
O melhor é que ela enxerga
Não é cega a tua menina
Tem os olhos cintilantes 235
Verdadeiros diamantes
Estes olhos são um tesouro
Tua filha tem bom gosto
Pois tem no seu belo rosto
Duas pepitas de ouro!” 240

A mãe, bem preocupada,
Ao oculista indagou:
“Como pode ser possível”
Enquanto a filha acordou:
“Duas pepitas de ouro 245
Esse perfeito tesouro
Como pode acontecer?”
E o melhor especialista
Não encontrou qualquer pista
Nada teve pra dizer. 250

Ele receitou um colírio
Para retirar a areia
Dos olhinhos de Maria
Que já engatinha, vagueia 255
Pelo quarto sorridente
Uma menina contente
Revelando o seu segredo
O olhar de um brilho tão belo
Reluzindo em amarelo
Gerando em sua mãe – medo! 260

Para proteger a filha
Da usura dos ladrões
Colocava ao sair
Na filhinha dois tampões 265
Para que ninguém notasse
E depois se interessasse
Pelos olhos de Maria
Protegendo sua menina
Dizendo que “a pequenina
Enxergar não conseguia.” 270

O medo cresceu na mãe
De uma forma inconsciente
Sem permitir que ninguém
Visse a filha, de repente,
E descobrisse, por fim, 275
Que a menina tinha, enfim,
Nos olhos duas pepitas
Retinas de ouro tão puro,
Que, mesmo no quarto escuro
Brilhavam (de tão) bonitas. 280

Ao completar nove meses
A menina já não tinha
Nenhuma areia nos olhos
Que brilhavam de noitinha 285
Um brilho misterioso
Um tesouro precioso
De um amarelo real
Que deixava a mãe suspensa
E na rua sempre tensa
Temendo pra filha o mal. 290

E assim Maria vivia
Mergulhada em confusão
Em casa podia ver,
Na rua, só escuridão;
E aos poucos foi notando 295
Com sua mão retirando
Os tampões dos olhos seus
Deixando à mostra o tesouro
Suas retinas de ouro
Presentes do nosso Deus. 300



A REVELAÇÃO DO SEGREDO DE MARIA

Capítulo 3

A REVELAÇÃO DO SEGREDO DE MARIA



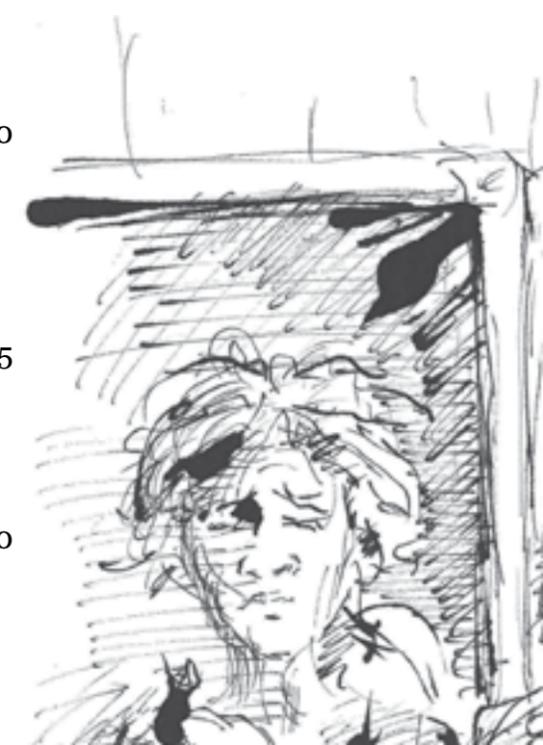


No primeiro ano de vida,
Seu primeiro aniversário
Celebrado com mistério
Um evento solitário
Na sala somente havia 305
A mãe e a bela Maria
Festejando com fervor
Com bonecos de brinquedo
Retrato de todo medo
Confirmação de um pavor. 310

Maria toda feliz
Muita coisa já falava
Mas a mãe preocupada
Expor a filha evitava
Protegendo a bela cria 315
Os olhinhos de Maria
Para que ninguém notasse
E perguntasse a razão
Gerando dor, confusão,
E disso se aproveitasse. 320

Um dia, de manhãzinha,
A mãe estava na janela
Segurando a bela filha
Ambas formando uma tela
Na paisagem do morro; 325
Aos seus pés tinha um cachorro
Cujo nome era Sansão
Que se pôs logo a latir
Insinuando que ali
Alguém chamava a atenção. 330

“Tem alguém em casa, aí?”
Perguntava uma mulher
Caminhando lentamente
Fazendo esforço pra ver
Quem na casa se escondia 335
A mãe surgiu com Maria
Com seus óculos escuros
E a mulher toda faceira
Olhou para a ribanceira
Dizendo vender seguros. 340





Sentou-se, então, no batente
Pediú água, por favor,
A mãe de Maria sorriu
Trouxe um copo, sem temor,
E perguntou pra mulher: 345
“A senhora também quer
Depois d’água um cafezinho?”
A mulher desconversou
E para Maria olhou
Perguntando bem baixinho: 350

“A sua filhinha é cega?”
A mãe de Maria sorriu
E depois mudou de assunto,
Mas a mulher insistiu:
“Ela tem algum problema? 355
Já nasceu com um edema
Ou é cega de nascença?”
A mãe ficou preocupada
E de uma forma educada
À mulher pediu licença. 360

Ao sair, Maria virou-se
Tinha os óculos tirados
A mulher ficou surpresa
Com semblante apavorado
Viu que os olhos de Maria 365
Lá no fundo reluzia
Ouro puro e sentiu medo;
A mãe ficou toda aflita
Ao notar que esta visita
Descobrira o seu segredo. 370

A mulher saiu calada
Sem nem mesmo acreditar
“Como pode ser possível?”
Caminhava a se indagar
“Aquele pobre menina 375
Possui no rosto uma mina
Um verdadeiro tesouro
Seus olhos são diamantes
Delicados, cintilantes,
Duas pepitas de ouro?” 380

A mãe ficou no barraco
Em silêncio a refletir:
“Eu preciso me esconder
Tenho que sair daqui
Essa mulher vai contar 385
Ao povo deste lugar
Sobre os olhos de Maria
Maria corre perigo
Vou procurar outro abrigo
Antes do nascer do dia.” 390

À noite, de madrugada,
A mãe foi surpreendida
Por um grupo de pessoas
E bem rápido rendida
Todos queriam saber 395
Muitos desejavam ver
O que uma mulher dizia:
“Que havia, sim, um tesouro
Duas pepitas de ouro
Nos olhinhos de Maria.” 400



O DRAMA

E A FORÇA

DE MARIA

Capítulo 4

O DRAMA E A FORÇA DE MARIA





A confusão se formou
Um pandemônio completo
Uns parados na janela
Outros olhavam pro teto
Enquanto a bela Maria 405
Por um milagre dormia
Mergulhada em esperança
Aos olhos de alguns ateus
Como se a mão de Deus
Protegesse esta criança. 410



A mãe de Maria chorava
E chorando então pedia
Que tivessem paciência
Até o nascer do dia
Prometendo então mostrar 415
Ao povo deste lugar
Os olhos da filha amada;
Mas a turba impaciente
Desejava loucamente
A verdade desvelada. 420

“Onde está a tal menina?”
Perguntava a turba ardente
“Queremos ver o milagre”
Insistiam loucamente;
A mãe com medo apontou 425
Para o berço que ganhou
Onde a menina dormia;
Enrolada numa manta
Tranquila como uma santa
Era a imagem de Maria! 430

Duas mulheres correram
Até o berço pequeno
Outras na porta ficaram,
(Lá fora, frio e sereno);
Pegaram Maria no colo, 435
A mãe no chão sem consolo
E a mulher mais velha olhou
A pequenina Maria
Que bem serena dormia
E de leve a examinou. 440

“Não vejo nada demais
Nesta pequena menina”
Falou uma velha mulher
“Para um ano é bem franzina”
Disse um jovem da janela 445
“Tenta abrir um olho dela”
Gritava alguém lá do fundo
“Deixa a menina dormir
Depois voltamos aqui”
Decretou o tal de Raimundo. 450

Mas a mulher que contou
A toda gente o segredo
Tomou Maria nos braços
E disse, “não tenham medo
Vou acordar a menina 455
E vocês verão uma mina
Um verdadeiro tesouro
Eu vi que esta menininha
Bem nos seus olhinhos tinha
Duas pepitas de ouro!” 460

Maria cerrava os olhos
Como se entendesse tudo
O povo louco na espera
Continuava, enfim, mudo
Enquanto a mulher tentava 465
Mais a menina fechava
Os olhos com toda garra
E a maluca sacudia
Pra todo lado Maria
Tentando abri-los na marra. 470



A mãe se desesperou
E num grito sacudiu
O barraco pequenino
Que por pouco não ruiu
E foi por um só segundo 475
Deus movimentando o mundo
Quando a pequena criança
Abre seus olhos de ouro
(Um verdadeiro tesouro)
E a luz no espaço se lança. 480

As luzes brilham sem fim
Em um tom amarelado
E todo o barraco acende
Num brilho d'ouro sagrado
Levando todos ao chão 485
Por causa dessa visão
Da força que se irradia
Refletida como um prisma
Na beleza do carisma
Do olhar vivo de Maria. 490

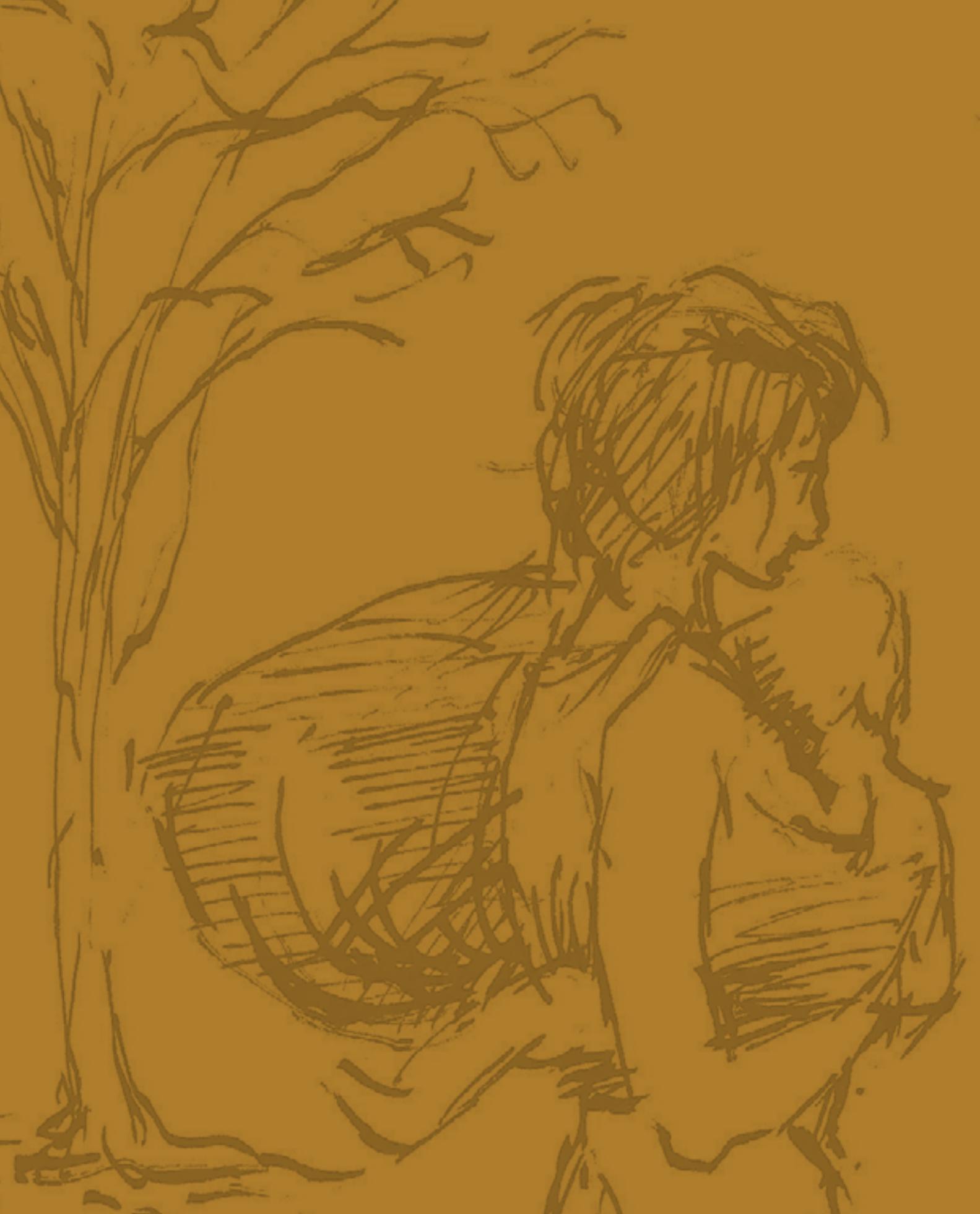
A turba paralisada
Mergulhada na emoção
Fica muda, catatônica,
Sem entender a razão;
Enquanto a mãe pega a cria 495
A pequenina Maria
Todos saem sem falar
Enfeitiçados de luz
Crepúsculo que conduz
Cada qual para o seu lar. 500

O EXÍLIO E A
DESCOBERTA
DE MARIA

Capítulo 5

O EXÍLIO E A
DESCOBERTA DE MARIA

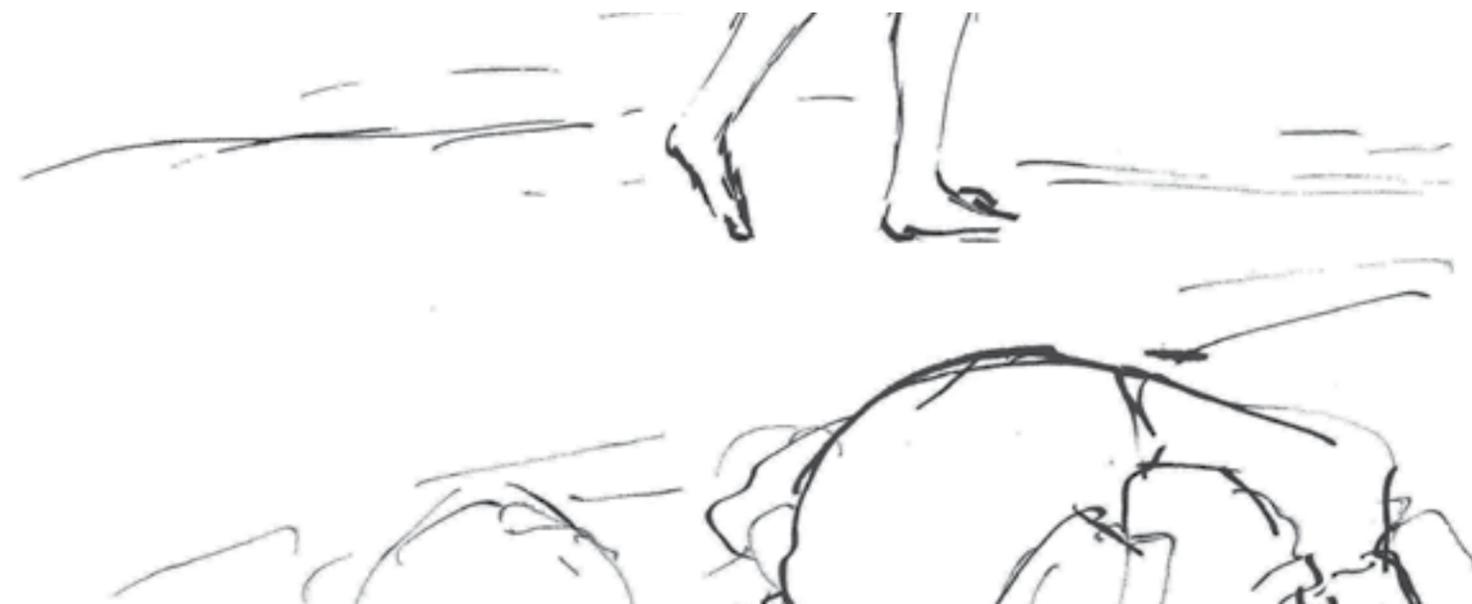




A madrugada findou
E com ela todo medo
Tudo ficou para trás
Desvelado seu segredo
A mãe devagar seguia 505
Tendo nos braços Maria
Pela rua sem ninguém
Ambas sabiam, no fundo,
O quanto é perverso o mundo
Quanto de usura ele tem. 510

Aquela noite terrível
Serviu de exemplo, afinal,
Maria se revelou
Mais forte do que o normal
Detentora de um poder 515
Uma força pra vencer
Do mundo toda maldade,
Assim, a mãe decidiu,
Com medo logo partiu
Pra viver noutra cidade. 520

Na solidão mergulhada
Maria cresceu devagar
Sem entender, noite e dia,
Seu destino singular
Seus olhos tinham valor 525
Mas também causavam dor
Na mãe que, louca, vivia,
Num exílio permanente
Evitando toda gente
Para nunca expor Maria. 530



Vagavam como fantasmas
Pelas ruas da cidade
Sem ter residência fixa
Escravas da liberdade
Dormindo, assim, no relento,
Expostas a chuva, vento,
Num desespero cruel
A mãe protegendo a cria
Os olhinhos de Maria:
Estrelas tocando o céu!

Pedintes na noite negra
Sombras vagando na rua
Escravas da liberdade
Tinham por teto uma lua,
Assim, numa louca vida,
Exposta, desprotegida,
Lançada no desengano
A pobre menina viu
Desta existência sentiu
O seu peso ano após ano.

Cresceu entre ruas sujas
Uma cega para a vida
Durante o dia, pedinte,
Durante a noite, bandida,
Aos olhos de quem passava
E ninguém desconfiava
Da pequenina Maria
Que aquela jovem menina
De estatura tão franzina
Um tesouro possuía.

Mais um ano se passou
E Maria não entendia
O motivo de viver
De óculos durante o dia
Sem poder sequer brincar
Da alegria desfrutar
Como faz qualquer menina
E por isso perguntava
Dia e noite questionava:
“Por que vivo nesta sina?”

535

540

545

550

555

560

565

570

“Sem poder correr, brincar,
Com outras crianças ter
Ficar de óculos de dia
Se de dia eu posso ver?
Me diz mãezinha querida
Que mal fiz eu nesta vida
Para ficar sempre assim
Aqui sozinha também
Como uma simples ninguém
Brincando neste jardim?”

575

580

A mãe que ouviu em silêncio
Com dor no seu coração
Nada disse, emocionada,
Pensando na explicação
Que à bela filha daria
A pequenina Maria
Cansada de ser ninguém
Vagando no mundo insano
Dia a dia, ano após ano,
Do medo da mãe refém.

585

590

A mãe segurou um espelho
Sentou no colo Maria
Retirou da filha os óculos
Usados durante o dia
E pediu que a filha olhasse
Para o espelho mirasse
Pois ela veria um tesouro:
Maria logo sorriu
E ao olhar no espelho viu
Os seus dois olhos de ouro!

595

600

ATRISTEZA

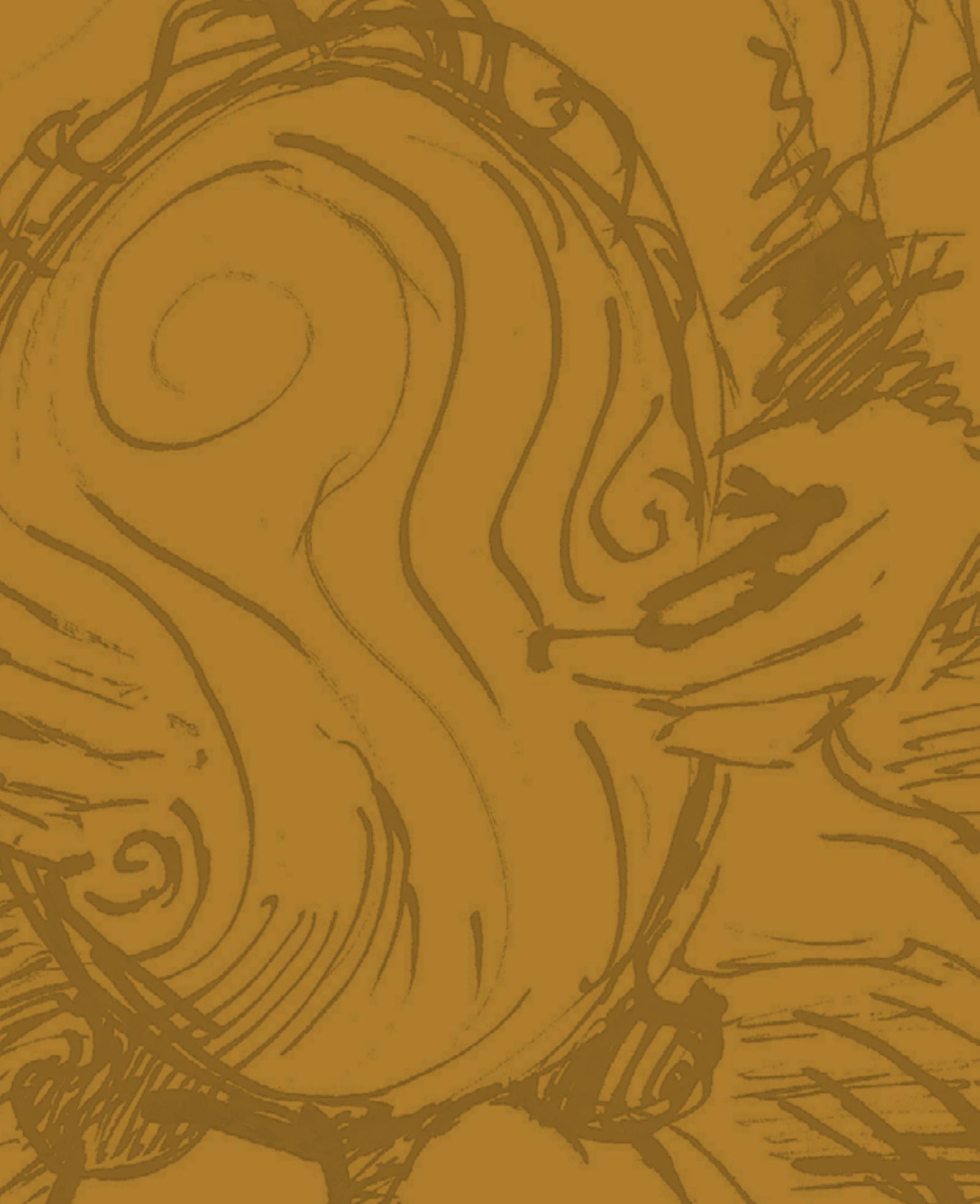
EASUPERACÃO

DE MARIA

Capítulo 6

A TRISTEZA E A SUPERACÃO DE MARIA





Maria custou a entender
Porque seus olhos brilhavam
Tão diferentes dos outros
E como estrelas piscavam
Amarelos feito o ouro 605
Misterioso tesouro
Que gerava na mãe (medo)
Por isso sempre escondia
Os olhos dela de dia
Um verdadeiro segredo. 610

Maria (assim) ficou triste
Sentiu-se tão diferente
Seus olhos não eram iguais
Aos olhos de toda gente
Não tinha por isso amigos 615
Muitos seriam inimigos
Por causa dos olhos dela
A mãe ficou preocupada
Vendo Maria afastada
Agindo (enfim) com cautela. 620



Todo dia de manhã
Ela corria ao espelho
Ficava olhando seus olhos
Passava batom vermelho
Nos seus lábios de algodão 625
Uma boneca na mão
Tentando se conformar
Com a solidão da vida,
Mas, feliz e embevecida
Com o brilho do seu olhar. 630



Sempre de óculos escuros
Ao lado da mãe sofria
Solitária, sem ninguém,
Esperando pelo dia
Em que pudesse, afinal, 635
Ser uma pessoa normal
Para desfrutar do mundo
Sem precisar viver
E por companhia ter
Um bando de vagabundo. 640

Maria cresceu sozinha
Aos poucos compreendendo
O triste medo da mãe
O seu destino entendendo
E com sete anos de idade 645
Conhecia tanta cidade
Tantas ruas sem ninguém
Que logo se acostumou
E com força superou
A dor que a fazia refém. 650

Começou a perceber
Que era mesmo diferente
Seus olhos belos, brilhantes,
Eram pra ela um presente
Um prêmio na dura vida 655
Sem teto, roupa, comida,
Uma nômade a vagar
Pelo mundo ambicioso
Repleto de curioso
Ladrão em todo lugar. 660

A tristeza de Maria
Aos poucos se transformou
Em força, superação,
E a mãe atenta notou
Que sua filha cresceu 665
Inda jovem compreendeu
O seu trágico destino
Sua triste condição
Pois guardava na visão
Um poder quase divino. 670

Assim, ela se encantava
Com seus olhos noite e dia
Vaidosa, serelepe,
Mergulhada em fantasia
Uma menina feliz 675
Vivendo como uma atriz
Nas ruas sujas do mundo
Brincando com sua boneca
Uma criança sapeca
Sem questionar o profundo. 680

Maria nada temia
Com seus óculos escuros
E escalava poste, árvore,
Subia nos velhos muros
Brincando sempre sozinha, 685
Do quarto fazia cozinha
Da rua fazia curral
Da chuva só brincadeira
Desse modo a aventureira
Ficava longe do mal. 690

Num fim de tarde chuvoso
Debaixo de um viaduto
Maria brincava só
Num silêncio absoluto,
Adormeceu, de repente, 695
Sonhou que estava doente
E tinha até uma colega
A quem a vida salvou,
No delírio ela notou
Que no sonho estava cega. 700



O SONHO DE MARIA

Capítulo 7

O SONHO DE MARIA





Maria seguia só
Numa estrada sem ninguém
Infinita como o céu
Um mar lançado no além
Envolvida em nevoeiro; 705
Aos seus pés muito dinheiro
Do chão brotava sem fim
Em volta deserto e nada
Uma pintura rasgada
E a miragem de um jardim. 710

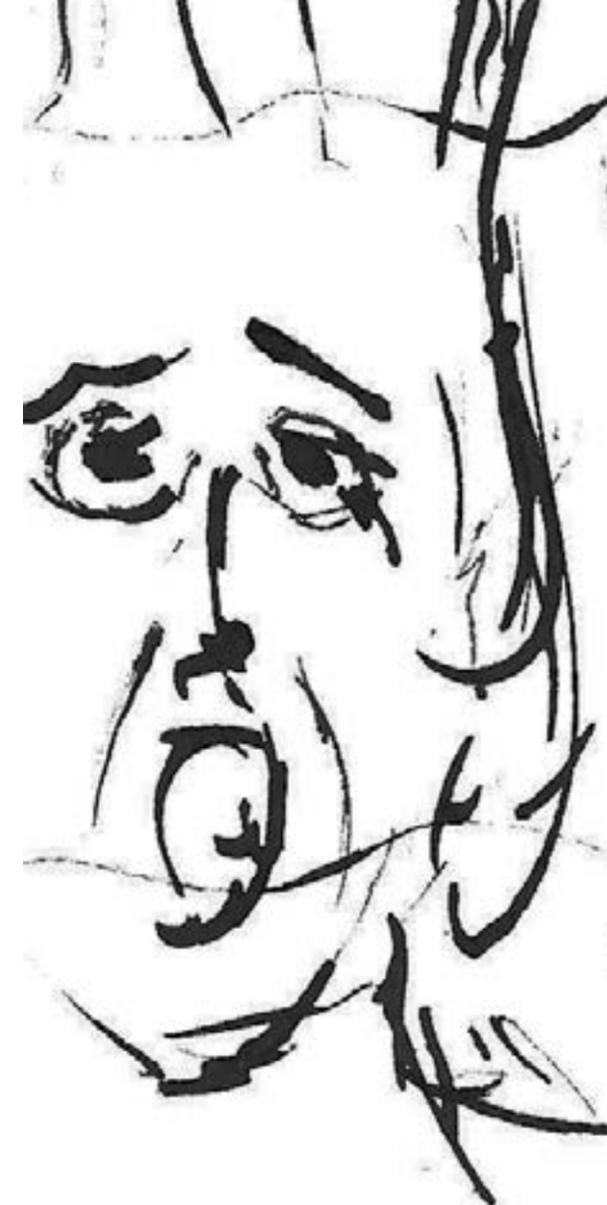
Quanto mais Maria andava
Menos do lugar saía
E a paisagem sem cor
Aos poucos se diluía
Como uma velha aquarela 715
Tinta escorrendo na tela
Sem forma predefinida
Ilusões de um sonho louco
Muito se mostrando pouco
Na mente quase vencida. 720

No céu nuvens de algodão
De um doce quase sagrado
Um gigante caramelo
No azul do céu pendurado
E tudo se transformava 725
Quando Maria tentava
Agarrar coisas no céu
E quando ela conseguia
Ter nas mãos o que queria
Tudo virava papel. 730

Seus dois olhos projetados
Em mil espelhos partidos;
Quebrados, pela metade,
Levemente distorcidos
Reproduzindo a imagem 735
De uma lírica miragem
No deserto inconsciente
Maria à espera de alguém
À sombra de outro ninguém
Real do irreal consciente. 740

De repente, algo surgia,
Uma ponte, um lago, um rio,
Alguém gritando “socorro”
Um distorcido vazio
Sua mãe pedindo ajuda 745
Maria correndo muda
Em círculo pelo espaço
Seus olhos perdendo o brilho
Alguém gerando a um filho
Menina presa no laço. 750

Então, Maria percebe
No lago alguém se afogando,
Uma menina, uma sombra
E ela se lança voando
E a salva das águas frias 755
Refletindo mil Marias
Alguém que a chama - colega;
Do nada surge um boneco
E o mundo repete em eco:
“Maria agora está cega!” 760



Maria toca seus olhos
Seus olhos saltam do rosto
Alma dos olhos de sol
De nada apenas composto
Sua mãe surge na estrada 765
Totalmente ensanguentada
Duas pepitas de ouro
Explodem de um bem-me-quer
Do lago surge a mulher
Que diz: “é meu o teu tesouro!” 770

Dois espelhos frente a frente
Maria vendo Maria
Seus olhos perdem o brilho,
Ilusão, quem pensaria,
Onde antes havia ouro 775
Um verdadeiro tesouro
Há somente confusão,
Ouro de tolo, miragem,
Medo escondendo coragem,
Mente inventando ilusão. 780

Maria caminha cega
Pisando em muito dinheiro
Seus olhos reluzem forte
No céu do Morro Cruzeiro
Duas estrelas cadentes 785
Surgem no céu de repente
Dois diamantes de luz
Ganham forma na janela
Um cristal se desmantela:
Maria presa na cruz! 790

Uma grande escuridão
Despenca na longa estrada
Maria corre com medo
E grita desesperada
Ao lado da sua colega 795
Ela se vê suja e cega
Amarrada numa corda
E, neste exato momento,
Imersa em dor, sofrimento,
Ela se assusta e acorda! 800



ANARRRATIVA
DO SONHO
E O MEDO
DE MARIA

Capítulo 8

A NARRATIVA DO SONHO E O MEDO DE MARIA





Maria acordou nervosa,
Suada, com calafrio,
Sem saber como contar
Este sonho tão sombrio
Para sua mãe querida 805
Atarefada na vida
Lutando para viver
Com a filha preocupada
Catando lixo na estrada
Em busca do que comer. 810



A noite estava chuvosa
Maria calma e calada,
Vento, frio, lixo e medo,
Uma avenida alagada
A mãe protegendo a filha 815
Um oceano, uma ilha,
Carros cortando o passeio
Gente correndo na rua
Nuvens escondendo a lua
Água furando bloqueio. 820

“Mãe, mãe...” sussurrou Maria
“Hoje tive um sonho estranho...”
A mãe sem dar atenção,
Grita: “Vou tomar um banho;”
“Mãe, sonhei que estava cega 825
E salvava uma colega
A senhora ensanguentada;”
A mãe interrompe Maria
E diz: “Olha, quem diria,
A chuva lavou a escada!” 830

Maria logo notou
Que seu sonho não importava
Sua mãe naquele dia
Em um outro mundo estava
Não queria se entregar 835
Ao relato singular
De um sonho como outro sonho
Uma vaga realidade
Imersa em outra verdade
Imagem do que é medonho. 840

A mãe de Maria agora
Estava longe da filha
De um lado o mar infinito
Do outro uma pequena ilha;
Maria ficou com medo 845
Seu sonho virou um segredo
Guardado em sua memória
Ela se viu cega um dia
Maria vendo Maria,
No sonho, espelho da história! 850

Uma criança com medo
Mergulhada em fantasia
Um rosto de pouca luz
Era a imagem de Maria
Que pra si mesma narrava 855
O que a mente transformava
Na esperança de fazer
Do sonho uma tradução
Ilusão sobre ilusão
Cega desejando ver. 860



A enxurrada deu uma trégua
As nuvens se dissiparam
E os olhinhos de Maria
Às estrelas se voltaram
Estrelas vendo as estrelas 865
Pepitas sobre as favelas
Iluminando o futuro
Das decisões do destino
Areia no ouro mais fino
O claro gestando o escuro. 870

Maria falou pra mãe:
“Eu já sei por que sonhei
Sonhei para não saber
O que nunca interpretei
Os meus olhos são um tesouro 875
Duas pepitas de ouro
Por isso disse a colega
Que salvei dentro do sonho
O real, triste e medonho,
É enxergar e inda ser cega!” 880

“Deixa disso minha filha
Você não vai ficar cega
E me diz mais uma vez:
Quem é mesmo esta colega
Deste sonho sem sentido 885
Que será logo esquecido?”
Maria não respondeu,
Mas, calada, então, pensou:
“Sou o sonho que em mim brotou
E essa colega sou Eu!” 890

A mãe de Maria sorriu
Um sorriso amarelado
E quando a filha dormiu
Sob o céu todo estrelado
Murmurou como quem pensa 895
Para si de forma intensa:
“Um universo fremente
De uma criança sem lar
Que sonha e adora sonhar
Riqueza movendo a mente.” 900

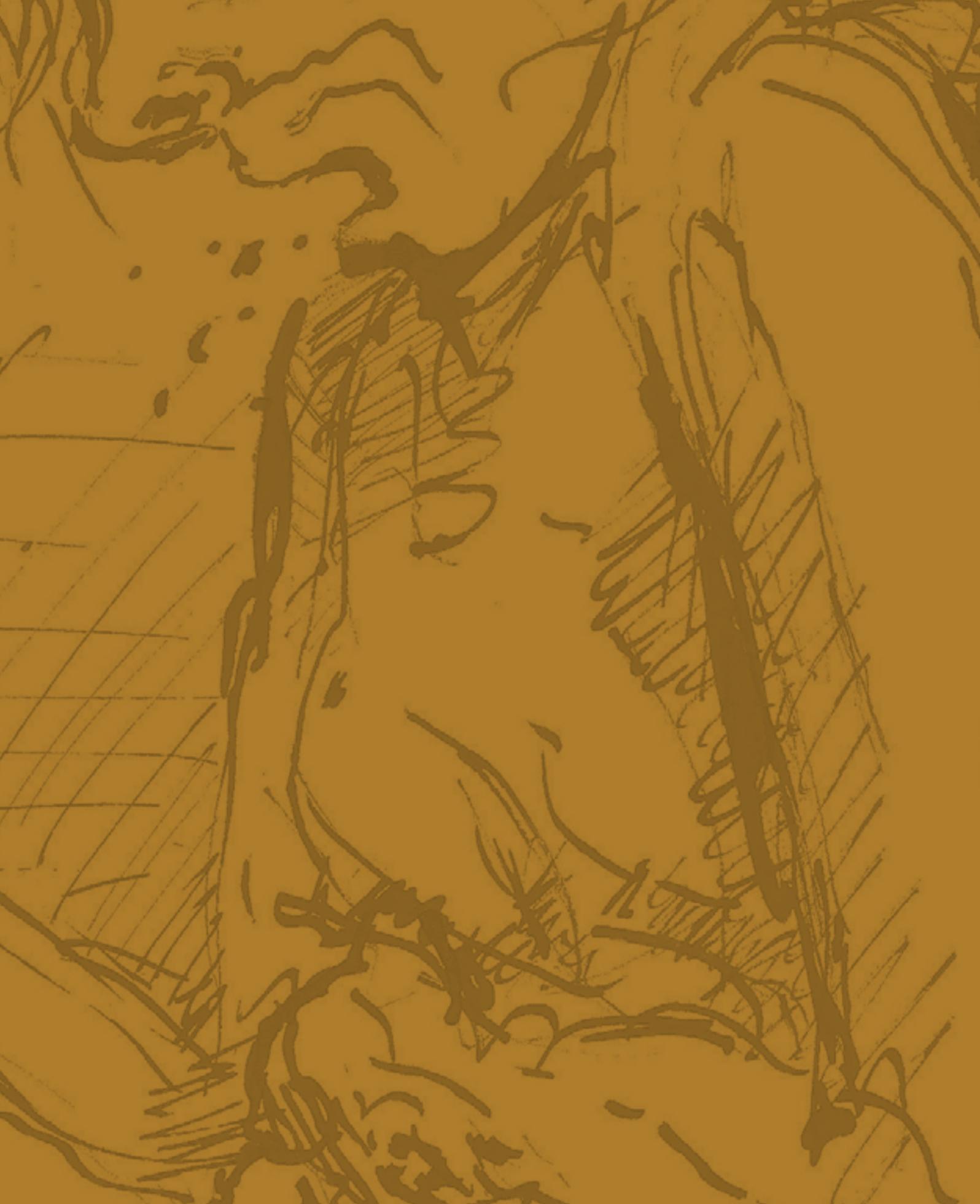


OS SINTOMAS
DA DOENÇA
DA MÃE
DE MARIA

Capítulo 9

OS SINTOMAS DA DOENÇA DA MÃE DE MARIA





Muitos dias se passaram,
Quem sabe, semanas, meses,
Um tempo sem distinção,
Fantástico, muitas vezes,
Entre sonho, realidade, 905
Explode um dia a verdade
Nos olhos de alguém doente
E onde não havia riqueza,
Reflete a dor, a tristeza,
No medo que mata a gente. 910

Era uma manhã qualquer
Num ano sem importância
Maria bem mais madura
Da mãe a certa distância
Pedindo esmola sentada 915
Notando séria e calada
A mãe comprimindo o peito
Com um cigarro na mão
Buscando ar no pulmão
Colhendo no mal seu efeito. 920

Há mais ou menos dois anos
Maria já tinha visto
Em sonho pouco explicado
Este futuro previsto
Em forma de alegoria, 925
A mãe, em grande agonia,
Imagem tosca do nada
Na beira de um grande rio
Mergulhada em calafrio
Totalmente ensanguentada. 930

O sonho, sintoma agreste
Da louca realidade,
Reflexo curvo, sem nexo,
De uma singela verdade
Para a mente inacessível 935
Sombra do que é possível
Algum dia acontecer
Por isso diz o ditado:
Cego é o pobre coitado
Que tem olhos mas não vê. 940

A mãe de Maria fumava
E no cigarro vivia
Mergulhada na cegueira
No vício que a destruía,
Lentamente, devagar, 945
Um corpo a se entregar
Às mazelas da ilusão
A tosse ficando forte
Escarnecendo da morte
Que ria do seu pulmão. 950

Maria foi até sua mãe
Demonstrando uma atitude
Pegou sua mão gelada:
“Vá ao posto de saúde”,
Disse num tom natural 955
“Ou então a um hospital”
Rápido complementou;
A mãe com cara arredia:
“Não se preocupe, Maria!”
Tossindo, à filha falou! 960

A tosse não deu descanso
Durante toda manhã
À tarde ficou mais leve
E a mãe parecia sã
Docemente possuída 965
Pela força desmedida
Que da filha transbordava
A pequenina Maria
Espelho da fantasia
Da vida que se ampliava. 970



Aquela tosse findou
Tudo voltou ao normal
Uma semana depois
Não se falava no mal
Naqueles tristes sintomas 975
Subtrações de várias somas
Acúmulo de lamento
Escondido na fumaça
Na névoa como trapaça,
Cegueira, medo e tormento. 980

Alguns meses, bem mais tarde,
A mãe disse, então, que iria
Fazer no Posto uns exames
Só para acalmar Maria;
Que iria a um hospital 985
Se estivesse mesmo mal
Mas que a filha se esforçasse
Para não se preocupar,
A vida segue no mar
Do abraço feito de enlace. 990

Maria, desconfiada,
Decidiu testar seu dom
Encontrar um bom amigo
Pra ganhar dele um bombom
Falar das coisas do mundo 995
Refletir sobre o profundo
De uma existência banal
Assistindo com o amigo
Sem correr qualquer perigo
Desfiles de carnaval. 1000

OPRIMEIRO

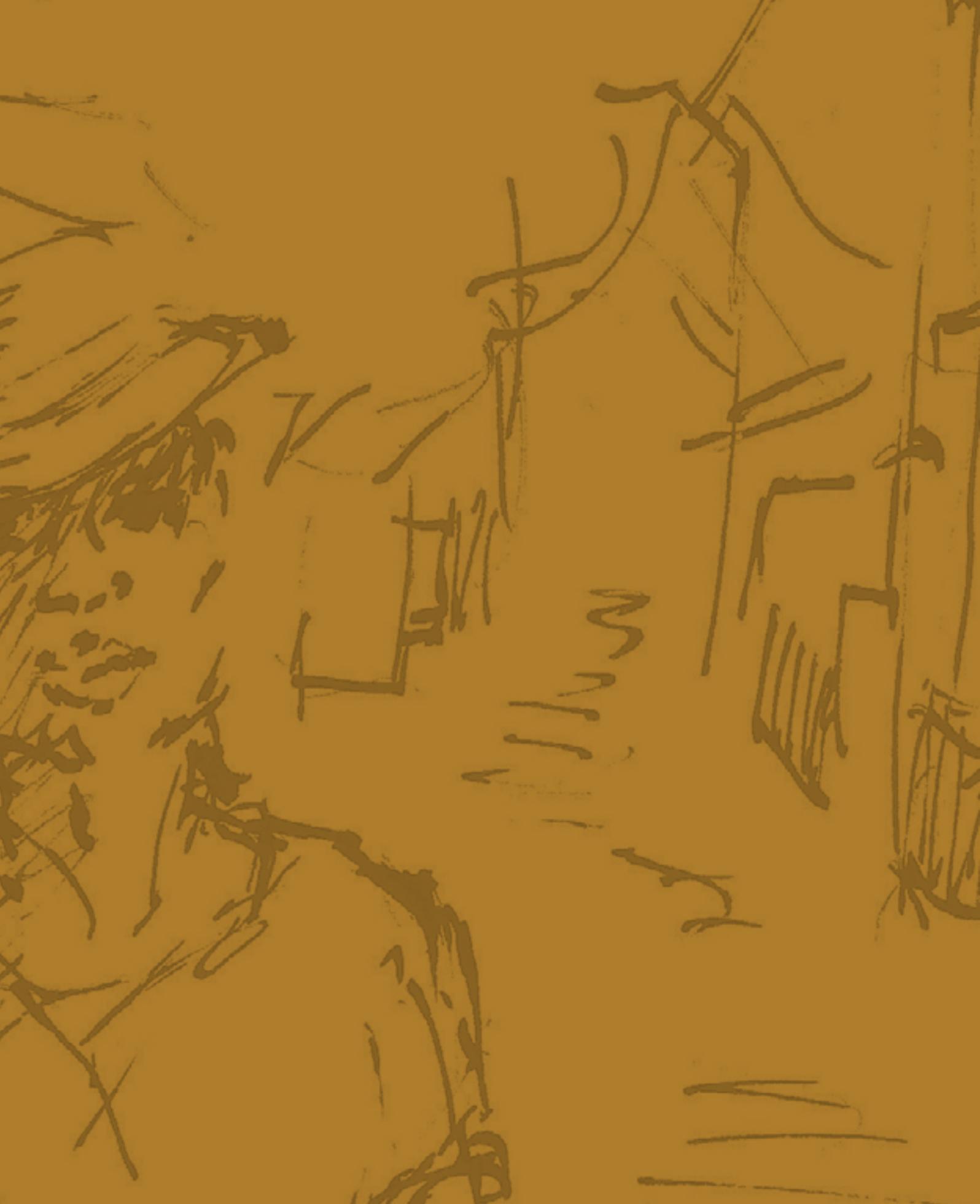
AMIGO

DE MARIA

Capítulo 10

O PRIMEIRO AMIGO DE MARIA





Dez anos sem um amigo
Sem ninguém pra dividir
As amarguras da vida
O direito de sorrir;
Dez anos de solidão 1005
Sem pai, primo, sem irmão,
Irmã para celebrar
As coisas loucas da vida
Uma dor jamais vencida
Tristeza em todo lugar. 1010

Foi neste contexto triste
Testemunha de uma fé
Como sombra de um ninguém
Que Maria viu José,
Um órfão de mãe, de pai, 1015
“Um pequeno samurai”
Com olhos de turmalina
Mãos de um lírico escultor
Alguém que venceu a dor
E uma terrível chacina. 1020

José quando viu Maria
Ambos corriam na rua
Ele chutando latinhas
Ela contemplando a lua
José não temia a morte 1025
Maria arriscava a sorte
Na roleta de uma infância
Duas almas gêmeas vivas,
Crianças belas, altivas,
Escravas da mendicância. 1030



Quando se viram, se amaram,
Quando se amaram, se viram,
Espelhos de um mesmo ser,
Olham, se olham e se miram,
Almas gêmeas se entregando 1035
Ao eterno provocando
Uma bela sintonia
Reflexos da perfeição
Estrelas na escuridão
Da vida sem poesia. 1040

Duas crianças no mundo
Sombras vagando no espaço
Maria assistindo o drama
No segundo de um compasso
José contemplando o belo: 1045
“Oh brilho vivo, amarelo,
Do sol que a luz irradia!”
Vez por outra ele falava
Espelho que contemplava
O olhar belo de Maria! 1050

José fez da rua um lar,
Sua casa, seu quintal,
Conheceu de um matador
Seu semblante frio, letal,
Dos orfanatos do mundo 1055
Experimentou seu fundo
As dores da solidão
Sentiu na pele a vileza
Fez da rotina tristeza
E da coragem, razão! 1060

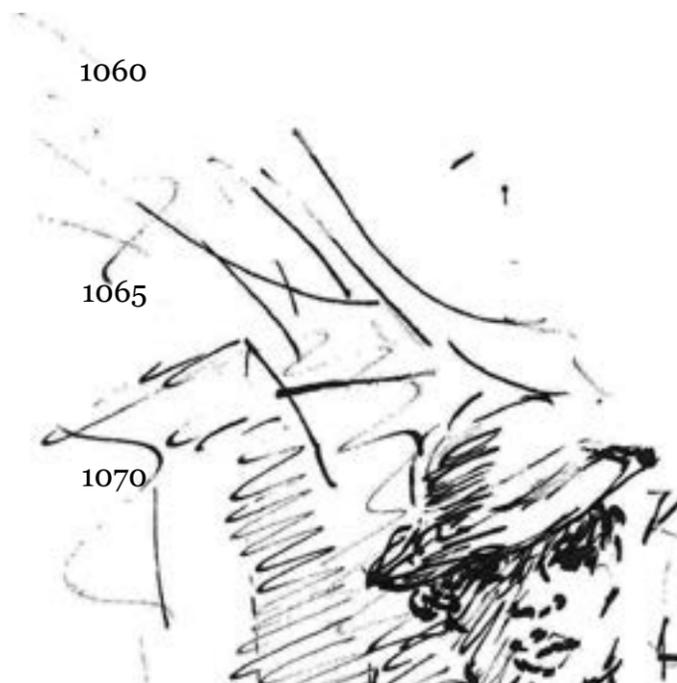
Abandonado na rua
Uma sombra em agonia
Teve a sorte de encontrar
Sua querida Maria
Dois anjos buscando paz 1065
Mendigando nos sinais
Da cidade poluída
Almas sangrando sem lar
Penumbras a navegar
No mar perverso da vida. 1070



José, do sonho fez festa,
Do tempo simples momento
Da existência sem sentido
Forjou novo documento,
Garoto esperto, sem medo, 1075
Sólido como um rochedo
Sofrendo o abalo do mar
A força louca da sorte
O poder negro da morte
A falta que faz um lar. 1080

José protegeu Maria,
Maria protegeu José
Duas crianças no mundo
Escravos de uma ralé
Duas almas que se movem 1085
Dois anjos que nos comovem
Pela força da existência
Marcada por toda queda
Dois lados de uma moeda
No espelho de uma aparência. 1090

Foi assim que eles se viram
No meio da confusão,
Gente dançando, brincando,
Fantasias, ilusão,
Um momento singular 1095
De uma festa popular
Num país tão desigual:
De lado da rua, Maria
Vendo José, que dizia:
“É terça de carnaval!” 1100

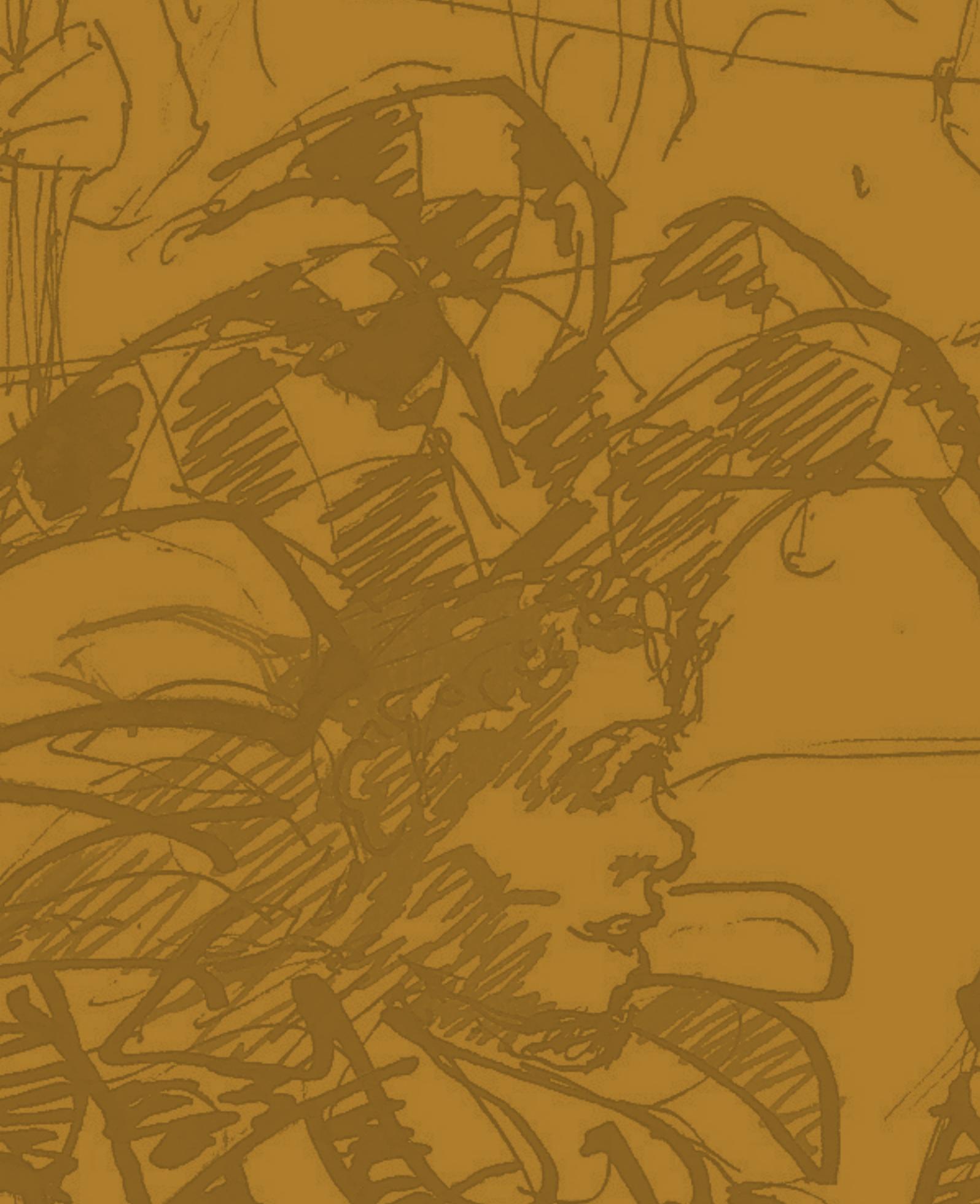


OPRIMEIRO
CARNAVAL
DE MARIA

Capítulo 11

O PRIMEIRO
CARNAVAL DE MARIA





Um bando de mascarados
Lançavam no ar serpentinas
Assustavam os meninos
Iam atrás das meninas
Uma lírica alegria 1105
Dominando todo o dia
Piratas bebendo gim
Correndo loucos na praça;
Maria se enchia de graça
José era o seu Arlequim. 1110



Bate-bolas se moviam
Com suas máscaras feias,
Varinhas, capas, bexigas,
Susto correndo nas veias
Das crianças da cidade, 1115
Corre-corre, insanidade,
Uma festa surreal
Dominando uma avenida,
Maria sentindo a vida
Na terça de carnaval. 1120

Um Momo gordo, pançudo,
Com seu cajado regia
A turba louca, fremente,
Mergulhada em fantasia
José correndo na rua 1125
Uma alma que ri e flutua
No espaço belo e sagrado
Anjo voando no céu
Cada qual com seu papel
No teatro improvisado. 1130

Foi quando Maria viu
Um casal todo arrumado;
Uma bela colombina
Um pierrô apaixonado
Dançavam como um casal 1135
Essência do carnaval
Dominando a fantasia
A vida louca pulsando
O tempo se eternizando
No olhar vivo de Maria. 1140

E pela primeira vez
Maria pode enxergar
Lançou seus óculos longe
Libertando o seu olhar,
Seus olhos belos, brilhantes, 1145
Seus pequenos diamantes,
Sem temor, preocupação,
Uma máscara real
Compondo no carnaval
Fantasias da visão. 1150

José somente corria
Brincava como ninguém
Encantado com Maria,
Das cores, simples refém,
Ambos correndo no meio 1155
Da confusão sem receio
Personagens do destino
Envolvidos pelo amor
Perfume tocando a flor
Anjo virando um menino. 1160

Maria a si mesma viu
Na pequena colombina,
José, sem querer, sorriu,
Nos olhos brilha uma mina
Irradiando esperança 1165
E assim Maria se lança
No meio dos mascarados,
Que, por um breve segundo,
Contemplam seu olhar profundo
Totalmente congelados. 1170



O olhar da bela Maria
Por um segundo, somente,
Ao carnaval congelou
Eterno tempo na mente
De quem seus olhos já viram, 1175
Todos, parados, sentiram
O poder do seu tesouro
E José também sorriu
E, entre todos, conseguiu,
Ver suas pepitas d'ouro! 1180

José dançou com Maria
Enquanto o tempo parou
A realidade opaca
Num sonho se transformou
José dominando o vento 1185
Revelando um sentimento
Que lhe oprime o coração;
Maria dança e diz sim
Ao pedido do Arlequim
Mergulhado em emoção. 1190

José e Maria seguiram
Dançando pelo tablado
Do teatro da existência
Tempo (enfim) que é congelado;
O futuro sempre incerto 1195
O mundo (insano) um deserto
Dentro de um sonho real,
Dois anjos, almas de luz;
Maria a José conduz
Nas cinzas de um carnaval. 1200

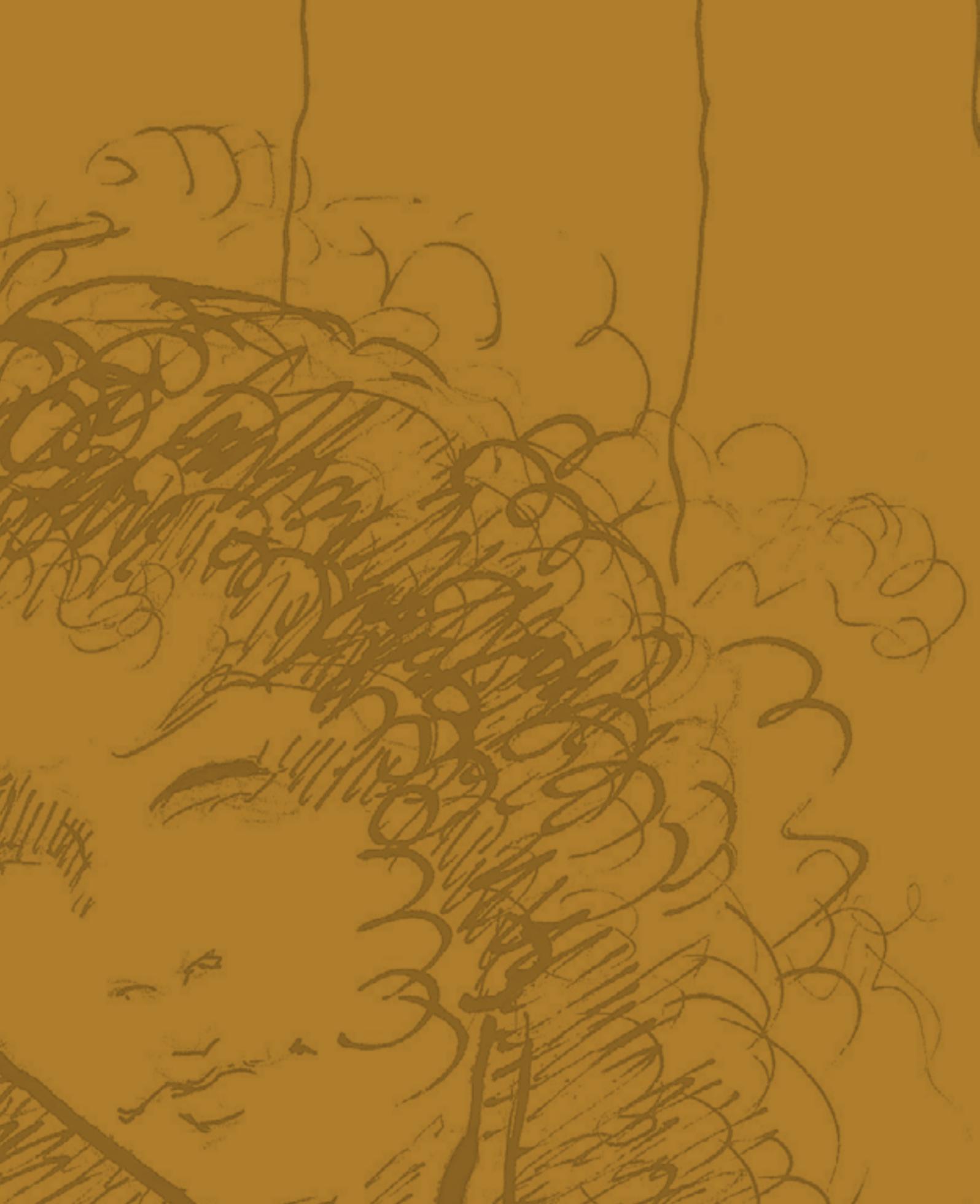


O OUTRO
MEDO
DA MÃE
DE MARIA

Capítulo 12

O OUTRO MEDO DA MÃE DE MARIA





Maria amava José,
José amava Maria,
Um amor puro, divino;
A mãe com medo sabia
Que essa lírica amizade 1205
Ancorada em lealdade
(Da mais profunda inocência)
Não geraria algo bom
Por isso mudava o tom
Agindo com paciência. 1210

A mãe de Maria notou
Que a filha tinha crescido,
Vaidosa, mais faceira,
Cuidava do seu vestido 1215
No espelho se demorava
Seu corpo se transformava
E aos treze anos de idade
A mãe notou que Maria
A filha bela, arredia,
Estava na puberdade. 1220

“Maria cresceu, mudou”,
Disse a mãe preocupada
“Minha filhinha dengosa
É quase moça formada” 1225
Sussurrou toda medrosa
“Uma delicada rosa
Um tesouro que irradia
Oh meu Deus te peço agora
Acompanha de hora em hora
A pequenina Maria.” 1230





Sobre o futuro dos dois
A mãe de Maria pensava,
Confusa, fazia do medo
Uma dor que a maltratava,
E quando ela percebia
José perto de Maria
Ficava nervosa, tensa,
Repetindo o seu bordão:
“Menina preste atenção,
A burrice não compensa!” 1235

A mãe só queria manter
A filhinha protegida
Ela melhor que ninguém
Maltratada pela vida
Viu que o mundo é cruel
Sentiu seu gosto de fel
A terrível punhalada
Temendo que a filha, um dia,
Sua pequena Maria,
Fosse também estuprada. 1240

Novamente o velho filme
Noite de grande terror
Voltou à mente da mãe
Instante de imensa dor
Estuprada no barraco
Um verdadeiro buraco
Com lixo, sofá de couro,
Refém da vil covardia
Restou somente Maria
Seu verdadeiro tesouro. 1245

“José bem que pode ser
Um garoto sem maldade
E demonstrar, noite e dia,
Por Maria lealdade”;
Falava a mãe para si
Mergulhada em frenesi
Um delírio repentino
Depois voltando a dizer:
“Maria vou proteger
Não suporto este menino!” 1250



Dúvida gerando medo
Medo produzindo o mal
A mãe de Maria afoita
“Oh maldito carnaval!”
Repetia sem parar 1275
Um eco louco a vibrar
Pelo espaço prematuro
A mãe com medo dizia
Que sua filha não teria
Com José qualquer futuro. 1280

Neste drama, a consciência
Do temor se faz refém,
A mãe de Maria, louca,
Não confiava em ninguém,
Mas José sempre tranquilo 1285
Com malandragem e estilo
Foi aos poucos conquistando
O coração de Maria
Mergulhada na magia
Do amor nos dois se instaurando. 1290

Um bom tempo se passou
José perto de Maria
Uma sombra permanente,
Dia e noite, noite e dia,
A mãe com o tempo disse: 1295
“Se esta menina me ouvisse
Ela nunca iria sofrer
Que Deus no céu a abençoe
E esta pobre mãe perdoe
Mas eu vou pagar pra ver.” 1300

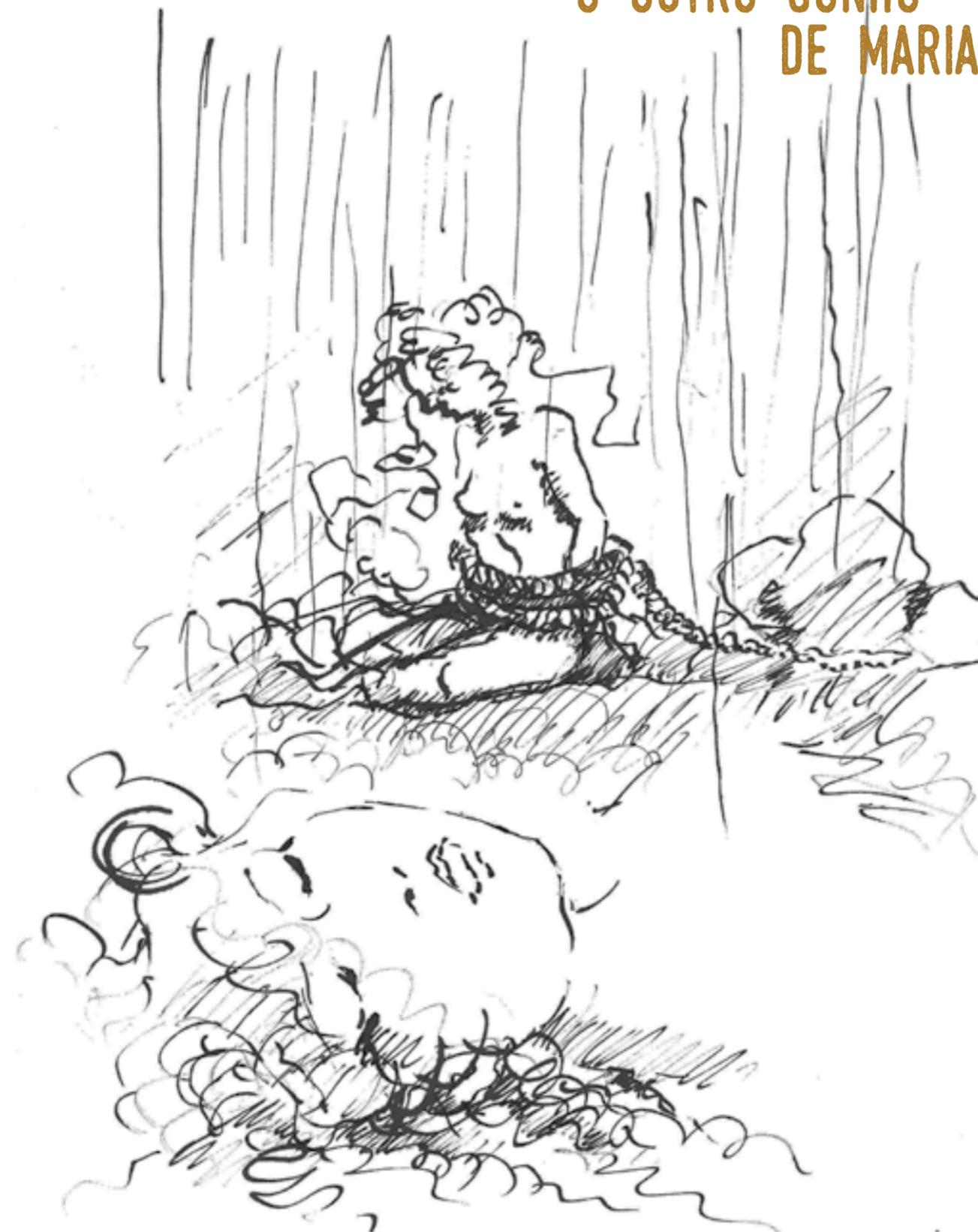
O OUTRO

SONHO

DE MARIA

Capítulo 13

O OUTRO SONHO DE MARIA





Com quatorze anos de idade
Maria teve outro sonho,
Inusitado, sem nexo,
Mais estranho que medonho
Uma volta ao sonho antigo 1305
Dentro de um pequeno abrigo
Onde tudo se passou
E enquanto seguia a pé
Ela contou a José
As loucuras que sonhou. 1310

“Eu estava suja, cega,
Por uma corda amarrada
Mesmo assim eu conseguia
Enxergar a grande estrada 1315
Que se abria à minha frente
Sem olhos pra toda gente
Dentro de um grande salão
Um sol brilhava pra mim
Eu nunca chegava ao fim
De uma grande escuridão.” 1320

“Eu sem olhos e enxergando
Que estava presa na cruz
De uma janela pequena
Vi que o menino Jesus 1325
Sorria sempre de mim,
Sussurrando: ‘não têm fim
Os mistérios de Maria
Seus olhos são meu tesouro
Suas pepitas de ouro
A quem mais eu as daria?’” 1330



“Eu sem olhos e enxergando
Aos meus pés muito dinheiro
Uma cega solitária
Voltava ao Morro Cruzeiro
Dois espelhos frente à frente 1335
Uma mulher prepotente
Dizia ter um tesouro
Mostrando a caixa de prego
A mim falava: ‘carrego
‘Suas pepitas de ouro!’” 1340

“Vi meus olhos neste espelho
Nos olhos de uma criança
Reflexo de uma ilusão
O sol vivo como herança
A minha mãe me golpeia 1345
Sinto nos olhos a areia
Ouro em pó se desmanchando
Na estrada tudo é vazio
E na beira de algum rio
Você vinha me chamando.” 1350

“Maria, cadê você?”
Eu dizia: “é o meu José,
Correndo feito uma doida
Até descascar meu pé
Ferido, magro e sem unha, 1355
Verdadeira testemunha
Do meu drama pessoal
Vi nós dois dançando valsa
Uma riqueza tão falsa
Quanto um rei no carnaval.” 1360

“Alguém a um filho gerava
Nos braços da negra morte
Maria vendo Maria
Caminhando sem ter norte
Um homem que me carrega, 1365
‘Maria vê, mas é cega’
Murmura baixo para mim;
Uma ponte, um lago, um rio,
Escuto um vago assobio
Na miragem de um jardim.” 1370



“Uma névoa de algodão
Encobre meu céu cinzento,
Vejo espelhos, mil reflexos,
Assisto ao casamento
De duas crianças belas 1375
Vejo na rua janelas
De onde ninguém me assiste
Um eco vaga no vento:
‘Maria vive o momento,
Momento que não existe!’” 1380

“Cega, totalmente cega,
Eu seguia pela estrada,
Mas, mesmo assim, cega eu via
Minha mãe ensanguentada
Um bêbado olhando o céu 1385
Num cenário de papel
Segurando a minha mão
Um gigante caramelo
Deixava o mundo amarelo
Diluía a escuridão.” 1390

“E quando tudo mudava,
O cenário, o tempo, o dia,
Eu escutava bem longe
Alguém dizendo: ‘Maria
Seus olhos não são de ouro 1395
Nunca foram um tesouro
A você sempre enganei;’
Confusa, sentei na estrada,
Maria de fato era nada
E neste instante acordei!” 1400



O OUTRO
SINTOMA DA
DOENÇA DA
MÃE DE MARIA

Capítulo 14

O OUTRO SINTOMA DA DOENÇA DA MÃE DE MARIA





José tentou comentar
Algumas partes do sonho
Intérprete de si mesmo
Neste delírio tristonho
Mas Maria não deixou 1405
E logo desconversou
Pois sua mãe caminhava
Na direção deles dois
“Falamos disso depois”
Maria (assim) sussurrava. 1410

A mãe de Maria chegou
Pálida, nervosa, fria,
Suando feito cuscuz
Mergulhada em agonia
Uma tosse intermitente, 1415
Nervosa, grave, fremente,
Com um ruído malsão
Que tomou de assalto o peito
E José diz: “eu suspeito
Que ela está mal do pulmão.” 1420

“Tosse crônica, sem fim”
Pensou sem nada falar,
A mãe de Maria, nervosa,
Que fumava sem parar
Sentada no banco velho; 1425
Do nada disse: “aconselho
A vocês dois um futuro
Este lugar me cansou
O povo já comentou
Que aqui não é mais seguro.” 1430



Quando percebeu que a mãe
Tossia como um cachorro
Maria ficou nervosa
Decidiu pedir socorro
Chamou José bem depressa: 1435
“Corre logo, se interessa”,
Gritava louca, Maria,
“Procura quem nos ajude
Vai ao Posto de Saúde
Livra a mãe desta agonia.” 1440

A mãe de Maria tomba
Exausta no chão cuspido
Nessa tosse sufocada
Perde rápido o sentido
Lutando pra respirar 1445
Colhendo vida do ar
Escrava da negra sorte
Triste sombra de um ninguém
Alma do vício refém
Jogando o jogo da morte. 1450

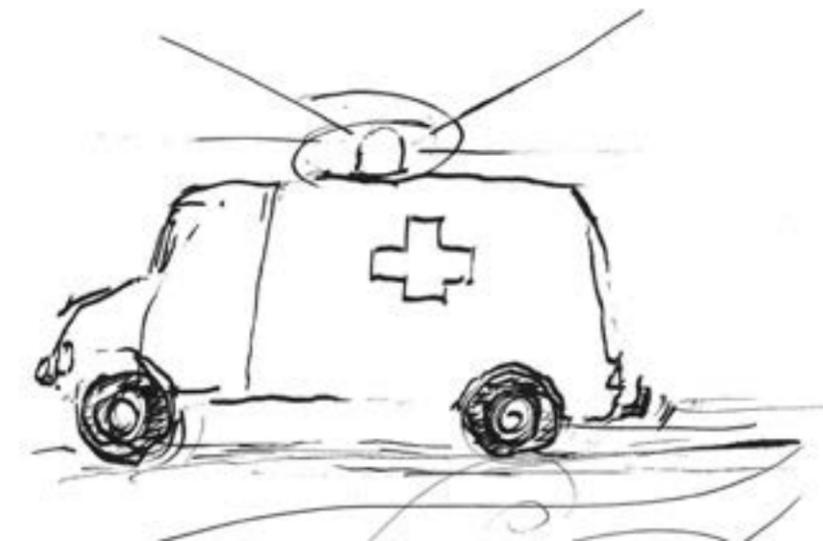
Maria se desespera
À sua mãe se abraça
Poucas pessoas se movem
Longo silêncio na praça
José surge de uma esquina 1455
E com a vela ilumina
Mãe e filha na calçada:
“Ajuda, José, me ajuda,
Minha mãe doente acuda”,
Diz Maria desesperada. 1460

A mãe de Maria acorda
Cuspindo sangue na rua,
Fraca, triste, branca, pálida,
Bem mais pálida que a lua;
José segura sua mão 1465
Maria sabe a razão
Deste louco sofrimento:
“O cigarro malfeitor
Provoca na mãe esta dor”,
Diz Maria em pensamento! 1470

Ao longe se ouve a sirene
A dor amplia a distância,
Maria chora, soluça,
Ao ver chegar a ambulância
Em sangue toda lavada 1475
A mãe dela é carregada;
Maria a José se abraça
Depois que tudo termina
A dor transforma a menina
Em mulher naquela praça. 1480

Os dois correm como loucos
Atrás da velha ambulância
Quanto mais correm, chorando,
Mais aumenta esta distância
Maria cai de joelhos 1485
Seus olhos de ouro, vermelhos,
Vertendo uma gota morta
Lágrima da solidão
A mãe perdendo o pulmão
Para a morte que a transporta. 1490

José se abraça a Maria
No meio da madrugada
Sussurra como quem pensa:
“Ela vai ficar curada
Tenha fé minha princesa 1495
Deus conhece a natureza
Das coisas que Ele criou”;
Maria apenas se vira
Olha pra José e suspira:
“Foi o vício que a matou!” 1500



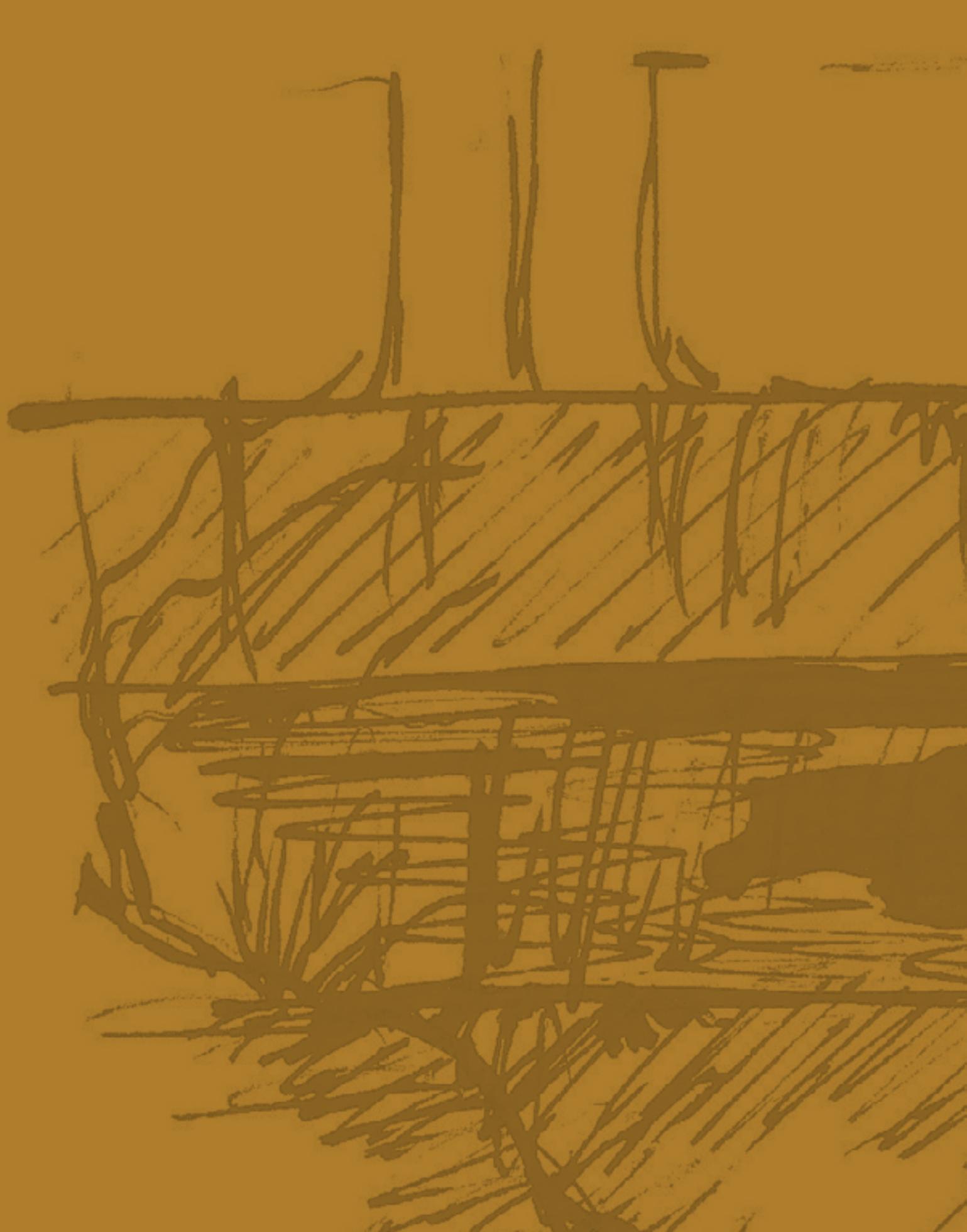
Capítulo 15

O DESESPERO DE MARIA



O DESESPERO

DE MARIA



A noite longa se foi
Maria não descansou
Mesmo antes do sol nascer
A uma busca se lançou
De hospital em hospital 1505
Para ter algum sinal
Da sua mãe tão querida,
Filha da rua, indigente,
Sem documento, carente,
Abandonada na vida. 1510

Ao seu lado o bom José
Companheiro de lamento
Testemunha do martírio
E do imenso sofrimento
Da preciosa Maria 1515
Que durante todo o dia
Caminhou daqui pra lá
Da mãe querendo saber
Uma só notícia ter
Sombra vagando a chorar. 1520

Os dois sozinhos vagavam
Pela noite assustadora
Maria sempre chorando
Sepultando a sonhadora
A sua mãe não encontrou; 1525
Mas isso não a abalou
E olhando para José
Com seus olhinhos de sol
Brilhantes como um farol,
Maria diz: “tenho fé!” 1530



Debaixo de um viaduto
Adormeceram juntinhos
Dois anjos beijando o céu
Dois pequenos passarinhos
Ao redor carros passavam 1535
E as pessoas ignoravam
O drama que ali nascia
O sofrimento profundo
Que se instalava no mundo
Da pequenina Maria. 1540

O dia nasceu nublado
Como nublada era a vida
Maria chama José
Bem mais calma, comedida,
Diz a José que sonhou 1545
Mas o sonho não contou
Retomando sua jornada;
Maria tinha um desejo
Dar na mãe seu doce beijo
Na sua face delicada. 1550

Por volta do anoitecer
Maria (por fim) chegou
A um distante hospital
Sua mãe ela encontrou
Tinha sido medicada 1555
Mas ficaria internada
Ao menos por mais um dia
José, de leve sorriu,
Neste instante descobriu
O quanto amava Maria. 1560

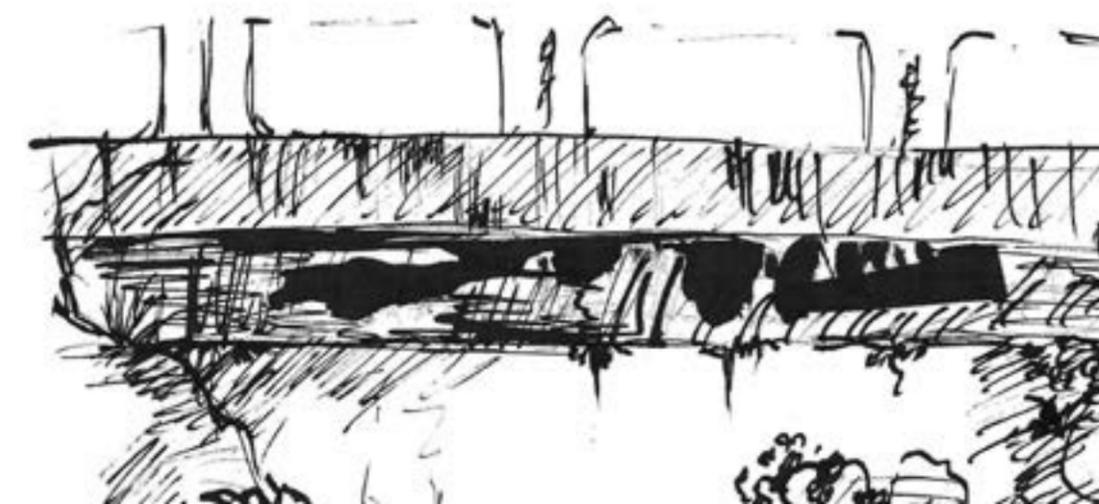
No dia seguinte, cedo,
Sua mãe recebeu alta
Maria logo falou:
“Eu senti a sua falta”
A mãe simplesmente sorriu 1565
E com a filha partiu
Os três caminhando a pé
Seguiram pelo passeio
“Traz Maria aqui pro meio”
Disse a mãe para José. 1570



Maria nada falou
E abraçada prosseguia
Com sua mãe muito fraca
Que vez por outra tossia
Chegaram ao viaduto 1575
O eterno virou um minuto
Quando a mãe sentou calada
Num silêncio comovente:
“A minha mãe está doente”
Disse a filha, preocupada! 1580

A mãe de Maria riu
Um riso sem muita graça
Chama José para perto
E ao menino logo abraça
Pega na mão de Maria: 1585
“O cigarro, quem diria
Pode mesmo me matar”
Fala a mãe toda sem jeito
E ao levar a mão no peito,
Diz: “eu terei que operar!” 1590

“O Doutor mesmo falou
Que precisa ser depressa
Um pulmão vou retirar
Só assim eu saio dessa”;
Maria disse, ligeiro: 1595
“Mas nós não temos dinheiro”
E José complementou:
“Tudo aqui vai se acertar
Sua mãe vai se operar
Deus conserta o que criou!” 1600



A FRUSTRAÇÃO DE MARIA

Capítulo 16

A FRUSTRAÇÃO DE MARIA





Quatro semanas passaram,
Um mês de dor, de agonia,
E, de súbito, do nada,
José falou pra Maria:
“Tudo vai terminar bem 1605
Darei um jeito, neném,
Para o dinheiro arranjar”;
Maria se preocupou
E para José falou:
“Você para de roubar!” 1610



José conhecia a rua
Nela cresceu noite e dia,
Furtava carro, pessoas,
Escondido de Maria
Era sempre destemido, 1615
Pelos bandidos, querido,
Por sua força e coragem
Alguns chamavam José
“Enganador de mané
O doutor da vadiagem!” 1620

Maria, certa manhã,
Decidida despertou,
Na cabeça a triste ideia
Solução ela encontrou
Para a mãe logo ajudar 1625
A operação custear
E pra si falou ligeiro:
“Eu já sei o que fazer
Os meus olhos vou vender
E assim consigo o dinheiro.” 1630

Sem contar a sua mãe
Sem falar para José
Maria segue sozinha
Caminhando sempre a pé
Oferecendo um tesouro 1635
Seus belos olhos de ouro
A quem quisesse pagar
Por seus olhinhos brilhantes
Verdadeiros diamantes
Reluzindo sem parar. 1640

Maria, desesperada,
Ficou sozinha na praça
Interrompendo as pessoas
Quem pela avenida passa
Sem seus óculos escuros, 1645
Dizendo: “são de ouro puro
Diamantes verdadeiros
Eu os vendo, por favor,
Não me importo com a dor
Só preciso do dinheiro.” 1650

Na praça toda lotada
Muita gente não entendia
Nem conseguia notar
O tesouro de Maria,
Uns falavam cochichando: 1655
“A mocinha está pirando”,
Outros riam, da menina,
Sussurrando na calçada:
“Seus olhos não valem nada
São feitos de terra fina!” 1660



Uma velha quase surda
Mostra a Maria um espelho,
A pobre menina chora
Na calçada, de joelho,
Mirando o próprio reflexo, 1665
Imagem tosca, sem nexo,
“O sol no meu rosto brilha”
Neste instante a mulher diz:
“Olha de novo, infeliz,
Você é louca, minha filha!” 1670

Maria fica perdida
Sem saber o que fazer
As pessoas não conseguem
Ver, no fundo, o que ela vê,
O seu perfeito tesouro 1675
Suas pepitas de ouro
Reluzindo no seu rosto
Onde Maria vê brilho
Como um tosco trocadilho
Outros enxergam o oposto! 1680

Uma dúvida cruel
Tomou conta de Maria
Como pode ela enxergar
Aquilo que ninguém via
E ao encontrar José 1685
O encarou séria, de pé,
E disse toda tristonha:
“O vazio em mim transborda
Enquanto este mundo acorda,
Maria, cega, inda sonha!” 1690

Ao encontrar com a mãe
Maria nada falou
Pegou na bolsa um espelho
Ao seu rostinho levou
E riu, falando pra si, 1695
“Tenho no rosto um rubi
Reflexo de uma ilusão
Nos meus olhos um tesouro
Duas pepitas de ouro
Preenchendo a escuridão.” 1700

A GRAVIDEZ
DE MARIA E A
INTERNAÇÃO
DA MÃE

Capítulo 17

A GRAVIDEZ DE MARIA E A INTERNAÇÃO DA MÃE





Desde o susto que a mãe deu
Sete meses se passaram
Naquela noite terrível
José e Maria se amaram
Fizeram do amor magia 1705
Em perfeita sinergia
Num balé fenomenal
A dor da mãe fecundou
A paixão que dominou
O coração do casal. 1710

Os dois corpos se moviam
Como o vento pelo espaço,
Simetria, perfeição,
Unidos num só abraço
A vida louca pulsando 1715
Uma alma agora vibrando
Em perfeita gestação
Espermatozoide dança
O óvulo tem esperança
Depois da fecundação. 1720

Há sete meses que vibra
E pela primeira vez
Dentro da linda Maria
Uma bela gravidez;
A mãe já desconfiava 1725
Mas no assunto não tocava
Em respeito à pobre filha
Que carrega a bela cria
Maria vendo Maria
Um sol que no útero brilha! 1730

“Uma gravidez transforma
 A vida de uma pessoa”
 Falava a mãe de Maria
 Com a cara nada boa
 Buscando o ar no pulmão 1735
 Palpitando o coração
 Caminhando devagar
 Num esforço sem igual
 Um desespero mortal
 Para a tosse controlar. 1740

Do estado da sua mãe
 Maria desconfiava;
 Sempre quando ela tossia
 Na sequência escarrava
 Um pouco de secreção 1745
 Explodia do pulmão
 Misturado a sangue quente
 Sinal de quem já sofria
 Alguma coisa sentia
 E estava muito doente. 1750

Maria não descuidou
 (A mãe dizia: “não é nada”)
 Foi com ela ao hospital
 Para ser logo internada;
 A filha não perdeu tempo 1755
 Evitando o contratempo
 De uma crise bem mais forte
 Olhando para José,
 Maria diz: “Tenha fé
 E não brinque com a morte!” 1760

José riu, todo sem graça,
 Deitando a sogra no leito
 “Ninguém faz troça da morte
 O seu caso terá jeito”
 Fala abraçando Maria: 1765
 “Dentro desta, quem diria,
 Tem um germe iluminado
 A senhora inda verá
 Esta cria arrebentar
 Neste mundo destroçado.” 1770



Depois saíram calados
 Esfinges da própria sorte
 Cada qual pensando baixo:
 “Ninguém brinca com a morte”;
 Maria falou primeiro: 1775
 “Vou conseguir o dinheiro
 Para a tal da operação
 Com minha mãe não comente;
 Todo amor que a gente sente
 Explode do coração.” 1780

José não sabia bem
 Quais os planos de Maria
 Ela apenas comentou:
 “Ao Morro Cruzeiro, iria;
 O dinheiro estava lá 1785
 Só precisava encontrar
 A pessoa certa, agora”;
 José todo reticente
 Nota que Maria não mente
 E aos seus pés soluça e chora. 1790

“Pense novamente, amor,
 Não lance mão do tesouro
 Daquilo que Deus lhe deu
 Duas pepitas de ouro,
 Tenha força, tenha fé” , 1795
 Implora o pobre José;
 Maria abraça o amado
 O traz pra perto do peito
 E diz: “tudo já está feito
 Faremos o planejado!” 1800

O RETORNO
DE MARIA
AO MORRO
CRUZEIRO

Capítulo 18

O RETORNO DE MARIA AO MORRO CRUZEIRO





Duas semanas depois
Maria ao Morro voltava
Usando seus velhos óculos
Uma mulher procurava
Vendedora de seguros 1805
Com seus óculos escuros
Perguntava a todo mundo
Num desespero cruel
Rogando preces ao céu
Mergulhada no profundo. 1810

Entre ruas e vielas
Esgotos a céu aberto
No velho Morro Cruzeiro,
Um inferno sem conserto,
Maria tentava achar 1815
A tal mulher no lugar
Para fazer seu negócio,
Entregar o seu tesouro
Suas pepitas de ouro
Fazendo da sorte um sócio. 1820

Por milagre do bom Deus,
Mistério louco, profundo,
Ela encontra um velho bêbado
Com cara de vagabundo
Ele diz que há anos atrás 1825
Viu pessoas tão brutais
Perseguindo uma menina
No alto do Morro Cruzeiro,
Ávidos de ouro, dinheiro,
Dos olhos da pequenina. 1830



Maria ao velho indagou:
“O senhor também queria
Da menina o seu tesouro
Ou somente a protegia?”
O velho bêbado ouviu 1835
E neste instante sentiu
Que Maria estava ali
Com seu brilho iluminado,
Presente belo, sagrado,
Luz do sol que o fez sorrir. 1840

“Minha mãe me revelou
Que naquele triste dia
Um homem tentou frear
A turba, louca, arredia,
Alguém de alma abençoada 1845
Lutando contra a manada
De loucos cegos do mundo”;
Os seus óculos tirou
E, sem medo, completou:
“O seu nome era Raimundo!” 1850

Um silêncio tomou conta
Da terra por um minuto,
Neste instante, o velho viu
Do seu triste ato, o fruto,
Seu rebento, pobre cria, 1855
A pequenina Maria
Inocência que vingou
Germe de um vil escarninho
Fruto do excesso de vinho
Daquela que ele estuprou. 1860

O bêbado sentou mudo
Mergulhado em pensamento
Não revelou a Maria
O que causava tormento
Aquele que, enfim, chorava 1865
E a Deus perdão implorava
Totalmente arrependido
Por cada coisa que fez,
Covardia, insensatez,
Pela mágoa, corroído. 1870

Maria ficou calada
Sem muito compreender
O homem parecia louco
E nada mais quis dizer
Totalmente transtornado 1875
No seu choro mergulhado
Revelando um vago medo
E baixinho murmurou
Para si mesmo falou:
“Vou morrer com este segredo!” 1880

Maria se despediu
Mas antes de se afastar
Decidiu por desespero
Ao bêbado perguntar:
“Por acaso conheceu 1885
A mulher que, enfim, rendeu,
Minha mãe naquele dia
Para roubar meu tesouro
Minhas pepitas de ouro,
Deixar cega esta Maria?” 1890



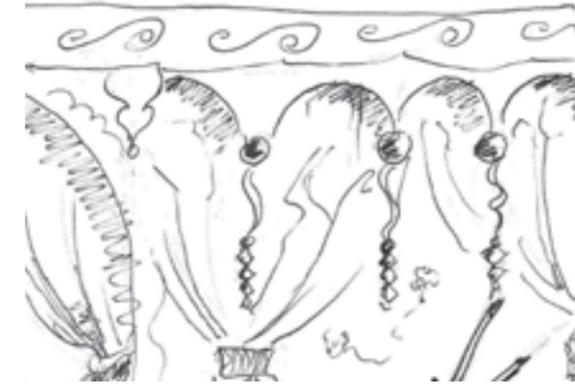
Sem levantar a cabeça
Tirou da carteira antiga
Um pedaço de papel:
“Ela não será sua amiga”
Fala baixo o tal Raimundo, 1895
“Há muita usura no mundo
Vaidade e covardia;
Ela pagará meu preço
Só preciso do endereço”,
Sussurra (baixo) Maria. 1900

MARIA
DESCOBRIR
QUEM É
SEU PAI

Capítulo 19

MARIA DESCOBRE QUEM É SEU PAI





- Raimundo ficou pra trás
Mergulhado na agonia
De rever a pobre filha
A bela e forte Maria
Totalmente arrependido 1905
Do pecado cometido
Contra a mãe naquela noite
Hoje vive em bebedeira
Refém da louca besteira
A vergonha por açoite. 1910
- Seguindo pelas vielas
Mergulhada em pensamento
Maria com o endereço
Caminhava contra o vento
Olhando casa após casa 1915
Vez por outra o passo atrasa
Se apegando à pura fé:
“Oh Deus faça-me encontrar
Bem rápido este lugar”
Pedia seguindo a pé! 1920
- Caminhou por duas horas
Encontrou um velho sobrado
Pelas casas do lugar
Um palácio iluminado
No meio de uma favela 1925
Contradição pura e bela
Na vida real de um morro
José vê uma prostituta
Maria com medo escuta
Longe, alguém gritar: “socorro!” 1930



Aproxima-se calada
Pede ajuda pra subir
A escada sem corrimão,
“Tem alguém em casa, aí?”
Um silêncio abafado 1935
Domina o velho sobrado,
“Acho que não tem ninguém”
Maria agarra José
“Não vamos perder a fé
Olha lá, vem vindo alguém!” 1940

Ao fundo do corredor
Soa a voz de uma mulher:
“Eu não quero comprar nada
Diz agora o que tu quer”,
Maria os óculos tira, 1945
A mulher diz: “é mentira,
Veio a mim o meu tesouro
Minha verdadeira mina,
Espera um pouco menina
Anjo dos olhos de ouro!” 1950

Maria disse a José
Que entraria sozinha
Naquela situação
Outra chance ela não tinha
Precisava conversar 1955
O dinheiro levantar
Pra pagar a operação
Da mãe que tanto sofria
Mergulhada em agonia
Por causa do seu pulmão. 1960

José fica com receio
E o olhar de Maria fita
Dizendo a ela baixinho:
“Qualquer coisa tu me grita,
Estou aqui do seu lado 1965
Inclusive, preparado”;
Maria segue sozinha
Pelo corredor sombrio
Escondendo o calafrio
Até chegar à cozinha. 1970

A mulher estava eufórica
Com Maria embevecida
“Eu vaguei por quinze anos
Desta minha louca vida
À procura de um tesouro: 1975
Suas pepitas de ouro”,
Disse a mulher sem sorrir
E depois complementou:
“Mas Raimundo me falou
Que tu voltaria aqui.” 1980

“Aquele velho safado,
Bem que eu já desconfiava
Tentou defender sua mãe
Por que com ela flertava
Agora vive a vagar 1985
Todo tempo a lamentar
Dizendo que se alterou;
Certa vez disse chorando
(Na loucura mergulhando)
Que uma mulher estuprou.” 1990

Maria ficou surpresa
O corpo frágil tremeu
De repente um calafrio
Todo corpo acometeu
Uma lágrima não cai 1995
“Raimundo seria meu pai?”
Questionou sem responder;
Olha pra velha mulher
E diz: “sei o que tu quer,
Meus olhos, vou te vender!” 2000



O DRAMA E A

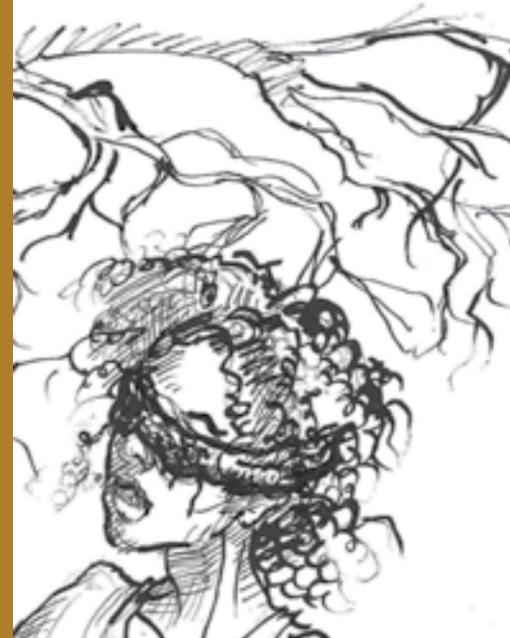
CEGUEIRA

DE MARIA

Capítulo 20

O DRAMA E A CEGUEIRA DE MARIA





A mulher não perdeu tempo
Negociou com Maria
Combinaram que José
O dinheiro levaria
Elas duas ficariam
A uma clínica iriam
Para tudo combinar;
Naquele dia cinzento
Nublado como o cimento
O sol deixou de brilhar.

2005

2010

José foi encarregado
De voltar ao hospital
Levar consigo o dinheiro
Um mal curando outro mal
Depois voltasse depressa
Após deixar a remessa
No hospital sem reclamar
Maria então ficaria
Para no próximo dia
Seus olhos poder tirar.

2015

2020

Antes de José sair
Maria um papel lhe deu
Um bilhete para a mãe
Uma frase que escreveu
Deu um abraço no José:
“Meu amor não perca a fé”
Sussurrou no seu ouvido;
“Cuide bem da nossa cria
Minha querida Maria”,
Falou José, comovido!

2025

2030

José seguiu sem ninguém
Foi direto ao hospital
Maria ficou sozinha
Cara a cara com o mal,
Dois espelhos, duas retinas,
Duas almas pequeninas
Interpretando um papel
Anjos movendo o compasso
Estrelas beijando o espaço
Nuvens dançando no céu.

2035

2040

Na manhã do dia seguinte
As duas são operadas
Duas faces da moeda
Pela vida (separadas)
A mãe de Maria doente 2045
No mesmo momento sente
Que está tirando o pulmão
Instante em que sua filha
Numa clínica se humilha
Perdendo toda visão. 2050

Seus olhos são arrancados
O pulmão da mãe também
Maria grita de dor
É da maldade refém
A mãe anestesiada 2055
Na escuridão mergulhada
Não sabe, nem desconfia,
Que também na mesma hora
Apenas um anjo implora
Pelos olhos de Maria. 2060

A mãe de Maria vence
Por enquanto a negra morte
Mas inda não se deu conta
Se por acaso ou por sorte
Como tudo aconteceu 2065
E quem ganhou, quem perdeu,
No jogo do coração,
E assim, feliz, não se entrega,
Enquanto Maria, cega,
Mergulha na escuridão. 2070

Depois de ter de Maria
Seus olhos, belo tesouro,
A mulher deixa a menina
Bem perto de um matadouro
À mercê de vis ladrões; 2075
Nos seus olhos dois tampões,
Imersa em dor, sofrimento,
Descalça, frágil, de pé,
Sozinha sem seu José
Como um bicho purulento. 2080

Totalmente abandonada
Sentindo dor, calafrio,
Maria espera José,
Mergulhada em dor, em frio,
Pedindo ajuda, gritando, 2085
À Deus no céu implorando
Em completa escuridão
E ao cair da grande noite
Maria recebe o açoite:
Tristeza, dor, solidão! 2090

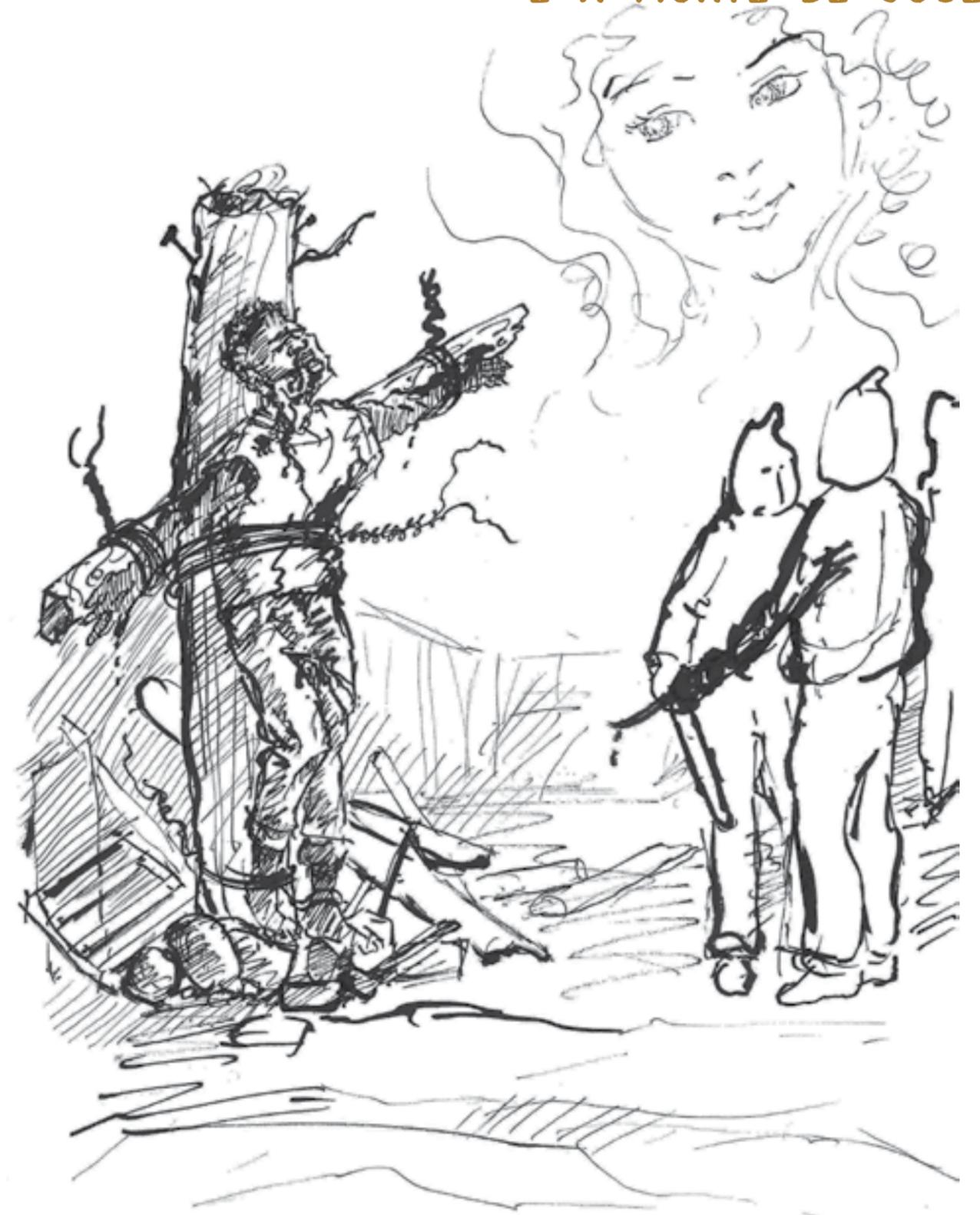
Grávida de sete meses
Totalmente abandonada,
Pintura trágica, fria,
Um vazio feito de nada,
Maria tomba no solo 2095
E sonha que está no colo
De um anjo feito de luz
Que num cavalo dourado
Totalmente iluminado
Traz a imagem de Jesus. 2100



O ACERTO
DE CONTAS
E A MORTE
DE JOSÉ

Capítulo 21

O ACERTO DE CONTAS E A MORTE DE JOSÉ





Depois que José levou
Ao hospital o dinheiro
E entregou o tal bilhete
De Maria ao enfermeiro
Ele decidiu voltar 2105
Para então poder ficar
Ao lado de sua Maria,
Mas, o destino cruel,
No seu terrível papel
De José se vingaria. 2110

Ele escapou da chacina
Viu de perto a própria morte
Na rua tudo se aprende
Acaso ditando a sorte
José no fundo sabia 2115
O quanto amava Maria
O quanto dela escondeu
Roubando gente, polícia,
Perseguido por milícia
E, por pouco, não morreu. 2120

Naquele dia cinzento
Voltava José na paz
Pensando na sua cria
Sem nem mesmo olhar pra trás
Quando foi surpreendido 2125
Rapidamente rendido
Por vários homens armados,
José não demonstrou medo
Seguro como um rochedo
Encarando os desgraçados. 2130



Muitos caçoavam dele
E com escárnio sorriam
Com cinismo declarado
No menino ali cuspiam
José resistiu calado 2135
Aos ser logo interrogado
Perguntas sem qualquer nexo
Ódio estampado no rosto
Milícia cobrando o imposto
Sombra gerando um reflexo. 2140

O pobre José sofreu
Nas mãos de um vil justiceiro,
Ele gritava e batia:
“Diga onde está o dinheiro”,
José da morte sorria 2145
De todos escarnecia
Anjo descendo do céu,
Um ator compondo a cena
Alma que não se apequena
No seu risível papel. 2150

“Este menino é o demônio”
Falava alguém com capuz,
“Vou dar a ele uma lição,
Vamos pregá-lo na cruz”,
Amararam o menino 2155
Com um fio de cobre fino
Sobre pedaços de pau,
Depois beberam, cuspiram,
No ódio se consumiram,
Imagem bruta do mal. 2160

José quase semimorto
Escravo de uma agonia
De tanta dor delirava
Via a imagem de Maria
Com os seus olhos de ouro 2165
Seu verdadeiro tesouro
Das suas chagas cuidando
Alguém do nada o chutava
Aos berros outro gritava:
“O pobre está delirando!” 2170



José piscava seus olhos
Pedindo a Deus piedade
Aquele instante maldito
Verdadeira eternidade
Precisava ter um fim, 2175
“Esta dor que dói em mim
Ninguém pode suportar
Sinto agora tanta dor
Prova meu Deus teu amor
Faz minha vida acabar.” 2180

E José, pobre coitado
Que jamais falou da sorte
Naquele dia cinzento
Espancado até a morte
Conseguiu compreender 2185
O que a vida pode ser
Para quem vive na rua,
Uma presa fácil, bela,
Rabisco numa aquarela
Tosco reflexo da lua. 2190

E assim Maria não teve
De José qualquer notícia;
Muita gente comentava
“Quem matou foi a polícia”,
Mas, o fato é que ninguém 2195
Quer do risco ser refém
Uma vítima sem voz
De pistoleiros cruéis
Executando os papéis
De um Estado bruto e algoz. 2200

ODIÁLOGO
ENTRE
MARIA
E SEU PAI

Capítulo 22

O DIÁLOGO ENTRE MARIA E SEU PAI





Raimundo encontrou Maria
Totalmente ensanguentada,
Com febre, dor, calafrios,
A própria imagem do nada
Depois de alguém comentar 2205
Na porta de um velho bar
Que viu no fundo do morro
(Na porta de um matadouro)
(Misturada a lixo e couro)
Alguém pedir por socorro. 2210

Pegou Maria nos braços
E a levou para o barraco,
Sua casa, seu castelo,
Um verdadeiro buraco;
Colocou-a no colchão 2215
Surpreso com a visão
Antevista no seu sonho;
“Maria cega, doente,
Vítima frágil, inocente
De um desejo tão medonho!” 2220

Raimundo no sonho via
O mesmo sonho da filha
Metáforas de uma imagem
O mar protegendo a ilha
Seus olhos belos roubados 2225
Espelhos velhos quebrados
Refletindo o sofrimento
Duas vidas separadas,
Almas distantes, roubadas,
Pelo destino sangrento. 2230

Por isso que ele falava
Dia e noite, noite e dia,
“Quem quiser pode anotar
Inda vou rever Maria”,
Certo de uma intuição 2235
Fruto talvez da ilusão
Pelo álcool produzida
Um infeliz que pecou
E embriagado estuprou
A mulher da sua vida. 2240



Ali, no velho barraco,
Ele cuidou de Maria
E escutou da sua boca
Que desejou, noite e dia,
Ter do pai seu doce abraço 2245
Presa caindo no laço
Da mais perfeita armadilha;
“Eu sempre quis escutar
Do meu pai, após deitar:
Boa noite, minha filha!” 2250

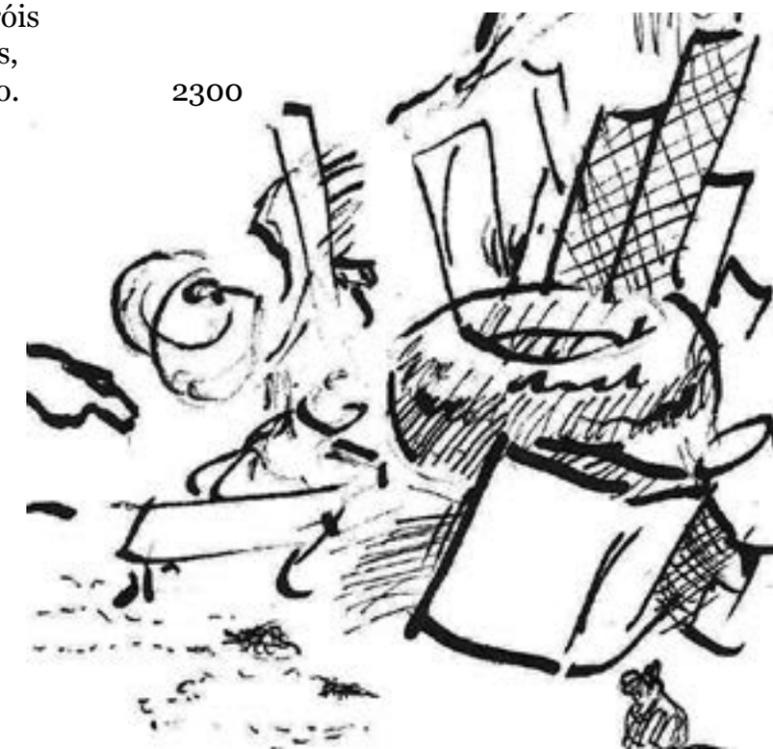
Maria disse a Raimundo
Que ela cega, então, se via
O seu pai complementou:
“Eu também te vi Maria
Aqui no Morro Cruzeiro 2255
Aos seus pés muito dinheiro
Sua mãe ensanguentada
Uma estrada sem ninguém
Você da morte refém
Imagem fria do nada.” 2260

“Uma cega sem ninguém
Por um bêbado, cuidada,
Uma criança infeliz
Que devia ser abortada”,
Diz Maria, soluçando; 2265
Raimundo tomba chorando
Aos pés da filhinha cega;
“Oh Deus toma este covarde
Que em vergonha agora arde
E numa grande cruz, prega!” 2270

Maria logo adormece
Mergulhada em dor, lamento,
Desejando desta vida
Um fim para seu tormento;
Raimundo fica calado 2275
E adormece do seu lado
Após escorar a porta:
Tem nos olhos a tristeza
O retrato da dureza
Rosto de uma esfinge morta. 2280

Um silêncio assustador
Toma contra do barraco;
Baratas roem papel
Um rato faz um buraco
Uma coruja agourenta 2285
Sobrevoa calma e lenta
O alto do Morro Cruzeiro
Na avenida principal
Um carro invade o sinal
E bate contra um canteiro. 2290

Ouvem-se tiros bem longe
Um som fraco e abafado
Alguém não dorme no morro
No antigo e velho sobrado,
Numa caixa velha e fria, 2295
Os olhinhos de Maria
Arrancados sem razão
Brilham como dois faróis
Guiando peixes, anzóis,
No mar louco da ilusão. 2300

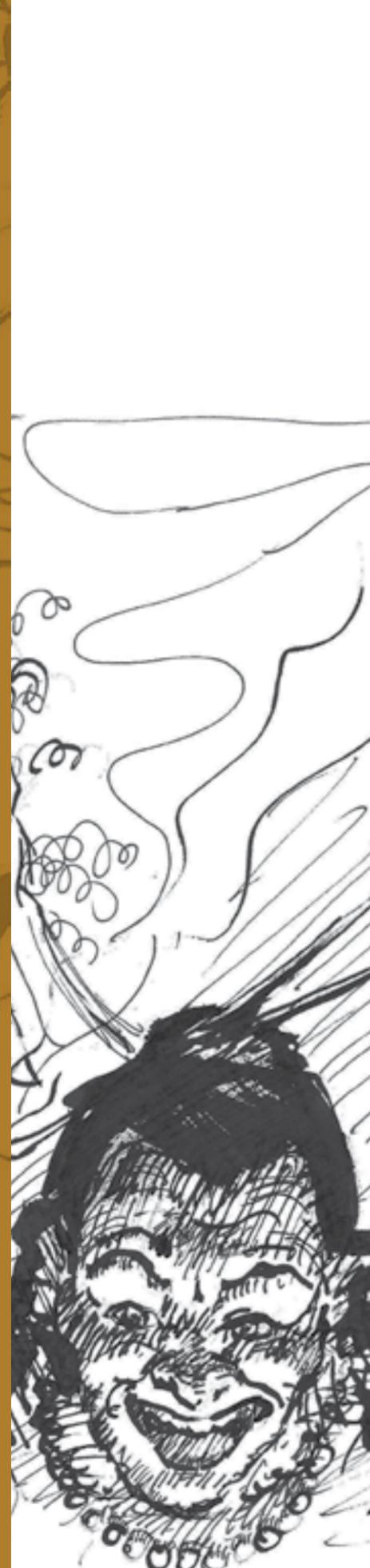


OS DOIS DELÍRIOS

Capítulo 23

OS DOIS DELÍRIOS





Maria, cega, delirava
Mergulhada em muita dor
Uma grande escuridão
O sol perdeu pra Ela a cor: 2305
“Alguém meus olhos golpeia
Minha face tem areia
A eternidade, um momento,
Sinto meus olhos nas mãos
Minhas retinas são grãos
De um profundo sentimento.” 2310

A mulher olhava os olhos
Arrancados de Maria
Deles um brilho sem fim
No sobrado reluzia,
“Minhas pepitas de ouro 2315
Meu precioso tesouro
Olha só como são belas
Estas retinas douradas
Estas pepitas sagradas
Pinturas compondo telas.” 2320

Maria, cega, sangrava
O sangue da solidão
Comprimindo todo o ventre
Com raiva socando o chão
A febre no corpo ardendo: 2325
“O meu José não estou vendo
Meu pai nunca me beijou
Minha mãe pode estar morta
Corre, pai, atende a porta
Pois a morte já chegou.” 2330

A mulher olhava os olhos
Arrancados de Maria
Segurando com cuidado,
“Ouro vivo”, ela dizia;
“Minha doce salvação 2335
Minha perfeita visão
Do paraíso de Deus
Diamante verdadeiro
Eu logo farei dinheiro
Vendendo estes olhos meus.” 2340

Maria, cega, gritava
Em delírio de agonia,
Chamava por seu amor
Mergulhada na afazia:
“José, José, não me deixe 2345
Eu tenho os olhos de peixe
Caminho pelo vazio
Oh, mãe, perdoa sua filha
Que agora, cega, se humilha
Pedra lançada no rio.” 2350

A mulher olhava os olhos
Arrancados de Maria,
“Quinze anos de procura
Perseguindo noite e dia
A filhinha de Raimundo 2355
Vasculhando todo o mundo
Atrás desses olhos de ouro”;
(Correndo e fechando a porta)
“Achei que já estivesse morta
A dona do meu tesouro!” 2360

Maria, cega, sonhava
Sonho dentro de outro sonho
A sua pobre existência
Um pesadelo medonho;
“Sou a própria aberração 2365
Uma ninguém sem visão
Jogando com toda sorte
Mulher grávida, sozinha,
Uma sombra que definha
Nos braços negros da morte.” 2370

A mulher olhava os olhos
Arrancados de Maria
Apontava contra a luz,
“Ouro mesmo, quem diria;
Ouro puro, verdadeiro 2375
Isso aqui vale dinheiro
Vou consertar minha vida
Vou sair desta favela
Vou comprar um barco a vela
E deixar de ser bandida.” 2380



Maria, cega, chorava
Um choro seco de dor
Lágrima de sangue vivo
Delírio comovedor:
“Meus olhos de ouro de tolo 2385
Meu condenável consolo
Meus olhos de ouro sem viço,
Não enxergo, mas eu vejo,
Mesmo cega inda prevejo:
Feitiço contra feitiço!” 2390

A mulher olhava os olhos
Arrancados de Maria
Guardando os olhos na caixa
Com perfeita simetria
Pega a chave, sente medo, 2395
Fala baixo: “meu segredo
Guardo aqui meu doce viço”;
E do nada, de repente,
Uma frase vem à mente:
“Feitiço contra feitiço!” 2400



A ALTA DA
MÃE DE
MARIA E O
BILHETE

Capítulo 24

A ALTA DA MÃE DE MARIA E O BILHETE





No dia que sai do hospital
A mãe procura Maria
Busca José na calçada,
Mas, de chofre, se angustia,
Ninguém a espera na porta 2405
Ela diz: “isso não importa
Tenho um pouco de dinheiro”;
Eram quinze para sete
Quando recebeu o bilhete
Das mãos do velho enfermeiro. 2410

O velho enfermeiro disse
Que um menino entregou
A ele aquele bilhete
Sua filha quem mandou;
A mãe de Maria sorriu 2415
Agradeceu e partiu
Com o bilhete na mão;
Ao abri-lo, devagar,
Uma frase singular
Congelou seu coração. 2420

“Mãe, volte ao Morro Cruzeiro,
Procure o velho Raimundo”;
A mãe de Maria, calada,
Sentiu girar o seu mundo
Começou a suar frio 2425
Mergulhada em calafrio,
Na rua, enfim, quase cai;
“Que o mundo agora se acabe
Será que Maria sabe
Que Raimundo é o seu pai?” 2430



Pergunta em voz alta a mãe:
 “Será que ela descobriu
 Este segredo maldito?”
 Acelerada partiu
 Como uma louca na rua, 2435
 Quanto mais anda, mais sua,
 Pensando o pior no mundo:
 “Maria corre perigo
 Sei o que ele fez comigo,
 Oh, desgraçado Raimundo!” 2440

A filha, pobre coitada,
 Sofria no Morro Cruzeiro,
 Doente, cega, sozinha,
 Sem mãe, marido, dinheiro,
 Foi salva pelo seu pai 2445
 Que do seu lado não sai
 Cuidando da pobre cria
 Germe fruto do pecado
 De um gesto louco, impensado:
 A pequenina Maria. 2450

Seus olhos infeccionaram
 Incharam de tanto pus;
 Raimundo, desesperado,
 Só fazia sinal da cruz
 E em oração, noite e dia: 2455
 “Cura meu Deus a Maria,
 Minha filha agora cega”;
 Neste cenário malsão
 Alguém chama no portão:
 A mãe de Maria, chega! 2460

Raimundo fica surpreso
 Ao passado retornou;
 Bem ali na sua frente
 A mulher que ele estuprou;
 Dentro de casa, Maria, 2465
 O rebento, bela cria,
 Fruto da sua loucura;
 “Onde está minha menina
 Minha preciosa mina
 Fala logo, criatura?” 2470



Raimundo a manda entrar
 Um barraco pobre, sujo,
 Madeira velha, comida,
 Um bando de caramujo
 Fazendo festa no chão, 2475
 Maria só, no colchão,
 Doente, cega, sofrendo,
 A mãe logo se apavora,
 De joelho, reza e chora:
 “Minha filha está morrendo!” 2480

“Minha filhinha querida
 Quem fez isso com você?
 Por que tiraste seus olhos?
 Me deixasse então morrer”,
 Em choque, desesperada, 2485
 Vendo a filha abandonada
 Ao jogo sujo da sorte
 A mãe toma uma atitude
 Leva ao Posto de Saúde
 A filha beijando a morte. 2490

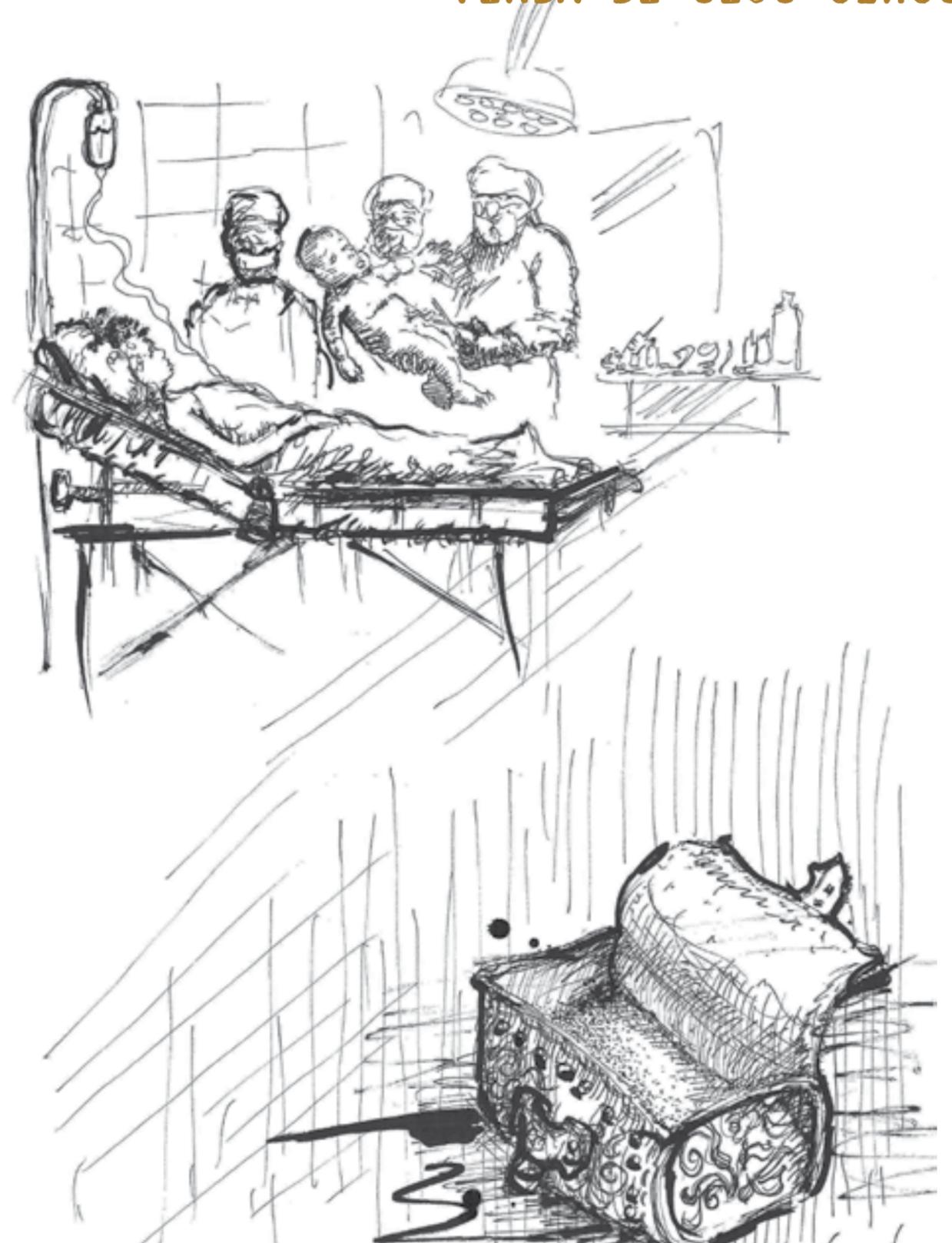
O Posto estava fechado
 Maria passando mal
 Raimundo fala chorando
 “Vamos logo ao hospital”;
 Seguem loucos pela rua 2495
 Sob a luz branca da lua
 Iluminando um jardim
 Maria sentindo dor
 Mergulhada no torpor
 Caminhando para o fim. 2500



O PARTO DE MARIA E A
VENDA DE SEUS OLHOS

Capítulo 25

O PARTO DE MARIA E A VENDA DE SEUS OLHOS

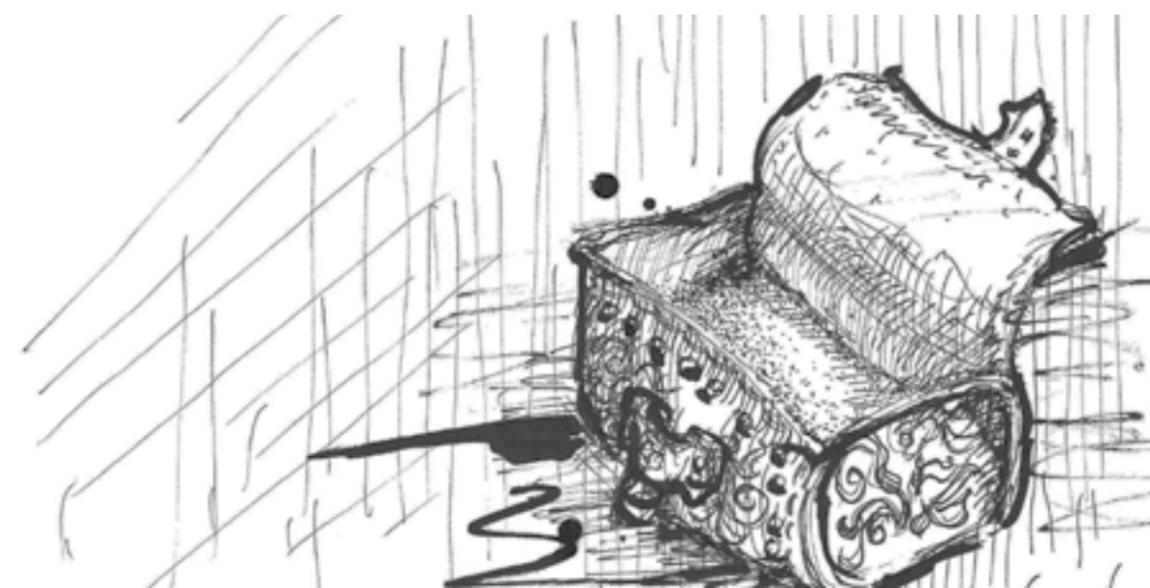




Ao chegar ao hospital
Maria foi medicada,
Sua mãe, bem mais tranquila,
Dizia não saber nada
Do que a filha tramou; 2505
“José nunca comentou
Sobre os planos de Maria;
Maldito seja você
Que por um louco prazer
Me estuprou naquele dia.” 2510

Raimundo nada falou
No silêncio mergulhado
Consumido na vergonha
Do seu terrível pecado
À Deus implorou perdão 2515
Mergulhado na emoção
De uma sincera vontade
Depois de um tempo falou:
“O que fiz já me matou
Por toda a eternidade!” 2520

O dia seguinte veio
Com seu drama natural
Maria tomando soro
Vencendo o rosto do mal
Enquanto numa viela 2525
Nos fundos de uma favela
A mulher que a deixou cega
Dentro da caixa de couro
(Um verdadeiro tesouro)
Com cuidado, enfim, carrega. 2530



“Eis aqui minha riqueza
 Meu valoroso tesouro
 Vou vender para um ourives
 Estas pepitas de ouro”;
 Alto, pensava a bandida 2535
 Mergulhada em desmedida;
 E como que por magia
 No mesmo instante, no quarto,
 Entra em trabalho de parto
 A forte e bela Maria. 2540

Duas loucas realidades
 Dois momentos se cruzando
 A mulher mostrando a caixa
 O feto se preparando
 O ourives pedindo a chave 2545
 O médico diz: “é grave
 A infecção da menina,
 Vamos fazer a cesária;”
 “A senhora é bem hilária”
 Diz o ourives e se anima. 2550

Os dois dramas se misturam
 A menina dando à luz
 A mulher vendendo os olhos
 Maria presa na cruz
 A mulher numa ilusão 2555
 Maria sem a visão
 A mulher abrindo a caixa
 A escuridão da menina
 A mulher de usura fina:
 Uma na outra aqui se encaixa! 2560

Maria sofrendo cega
 A mulher dizendo: “é ouro”,
 Quando o ourives abre a caixa
 Para ver o tal tesouro;
 O médico arranca a cria 2565
 Da forte e bela Maria
 E seu corpinho clareia;
 O ourives mira a mulher
 E diz: “quanto você quer
 Por esse monte de areia?” 2570



“Areia?!” grita a mulher
 Totalmente enlouquecida,
 “Esses olhos são de ouro”,
 Enfatiza, desmedida,
 O ourives solta a risada: 2575
 “Aqui dentro não há nada
 Além de uma areia fina”.
 A mulher, louca, tropeça,
 Cai e bate com a cabeça
 Vendo os olhos da menina! 2580

No hospital Maria sofre,
 Luta contra a própria sorte,
 Cega, doente, parida,
 Sentindo o beijo da morte;
 Perdeu e ganhou uma mina 2585
 Deu à luz a uma menina,
 Linda, branca, pura e santa,
 Com os olhinhos cerrados
 Os cabelos cacheados
 A todos no quarto encanta. 2590

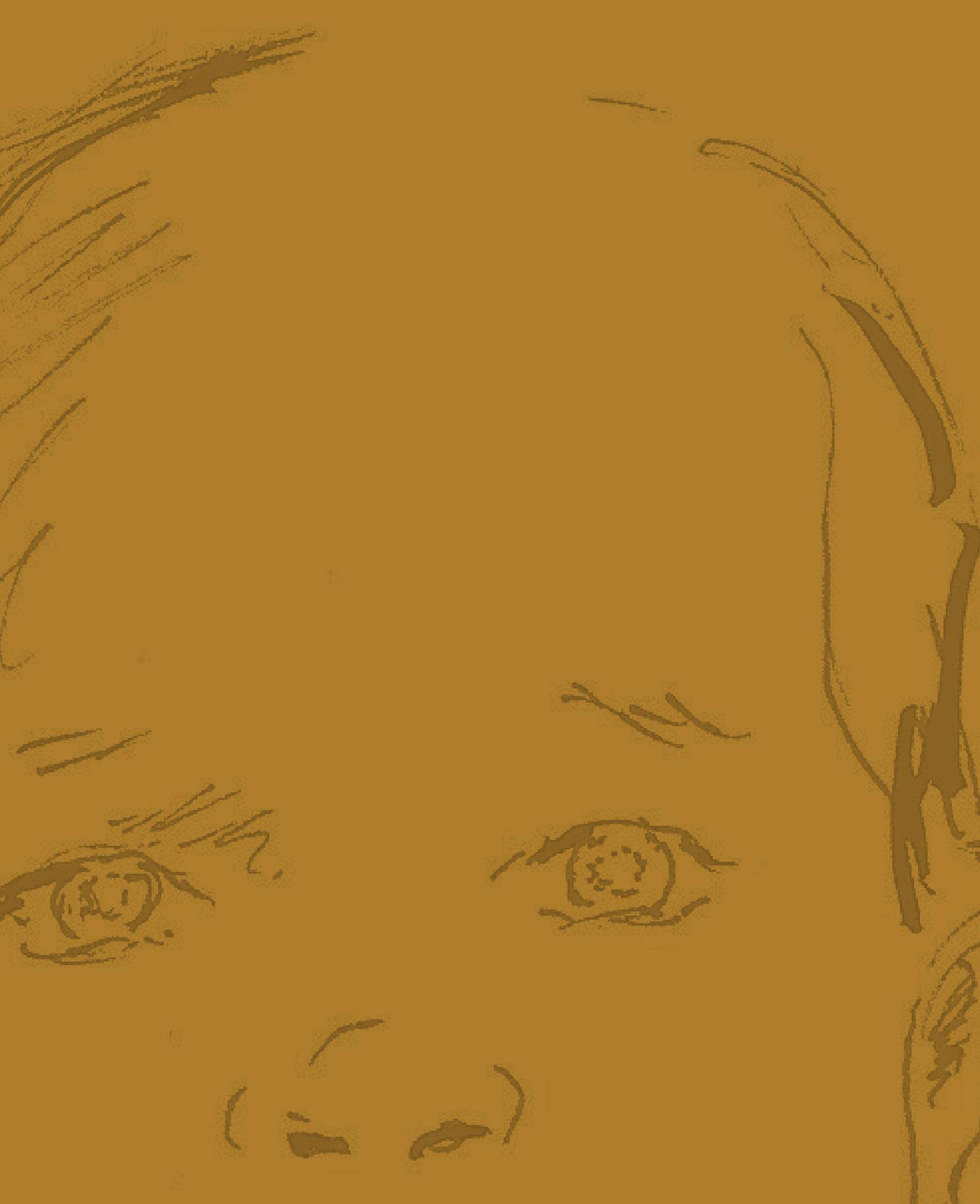
Maria recebe a filha
 E a leva perto do peito,
 Cega, pergunta à mãe:
 “Ela tem algum defeito?”
 A mãe fala emocionada: 2595
 “Sua filha é abençoada
 Um verdadeiro tesouro
 Você não consegue ver,
 Mas, ela, como você,
 Tem as retinas de ouro!” 2600

A ÚLTIMA
VISÃO
DE MARIA

Epílogo

A ÚLTIMA VISÃO
DE MARIA





“Tem as retinas de ouro” Maria fala baixinho, Toca na filha, suspira, Fazendo nela um carinho A menina apenas mama Um diamante na cama Iluminando o destino: “Um verdadeiro rubi Minha filha guarda em si Pupilas do ouro mais fino!”	2605 2610
A mãe ao seu lado chora Um desespero sem fim, Maria, fraca, pergunta: “Ela agora olha pra mim?” A mãe responde chorando: “Tua filha está te olhando Com um brilho iluminado Todo o quarto se parece Com o manto que Deus tece No momento mais sagrado!”	 2615 2620
Neste instante, tudo para, O mundo perde o compasso, Maria suspira fundo Na sua filha dá um abraço, Imaginando a visão Luz dentro da escuridão Invadindo a louca vida; Ela sabe do seu norte Recebe o beijo da morte Enxergando a despedida.	 2625 2630
Por um milagre divino Maria enxerga Maria, Sua última visão, A mãe segurando a cria Anjos cantando no céu Verdadeiro jubileu Imagem da eterna cruz Maria caminha a pé E se encontra com José, Ao lado dele, Jesus!	 2635 2640



Os dois se abraçam, se beijam,
Mergulhados na pureza
Dois anjos feitos de luz
Almas de pura beleza,
Caminham juntos, felizes, 2645
Esquecidos dos deslizes
De uma existência cruel
Atores do que é sagrado
O divino revelado 2650
Pelo criador do céu!

Maria ri de si mesma
Vê seus olhos novamente
Duas pepitas de ouro
Cada vez mais reluzentes
Tão brilhantes quanto o sol 2655
Luz vibrando no farol
Do porto da salvação;
Maria visita a cruz
Com o menino Jesus 2660
Segurando a sua mão.

No quarto, tudo é silêncio,
Transcendência revelada
A filha mama no peito
Da mãe já desencarnada;
Maria, morta, não sente 2665
Seu corpo fraco, doente,
Se expandindo pelo espaço
Luz gerando uma explosão
Copulando a escuridão
Em um comovente abraço. 2670

Maria agora está livre
José com ela caminha
Pela estrada do infinito
Nunca vai ficar sozinha
Todo mundo pode vê-la 2675
Deus a transformou em estrela
Uma luz que nos completa
Força lírica a vibrar
Em quem vive a se arriscar
No trabalho de poeta. 2680

Por isso narrei aqui
Recordando de memória
Nestes mal traçados versos
Esta trágica estória,
Este romance singelo 2685
Decorado em amarelo
Pela força da magia
Do poder que nos revela,
Uma pintura, aquarela:
O olhar vivo de Maria! 2690

Eis a força do simbólico
Da mais nobre poesia
Traduzindo em ficção
Esta história de Maria
Por isso que encerro aqui 2695
O que de Deus eu ouvi;
“Um verdadeiro tesouro
A estória da menininha
Que na bela face tinha
Duas retinas de ouro!” 2700





IMPrensa UNIVERSITÁRIA

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA